



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO
SUDESTE E SUL

Avaliação do risco de extinção dos crustáceos no Brasil: 2010-2014

Itajaí, SC
2016



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

Avaliação do risco de extinção dos crustáceos no Brasil: 2010-2014¹

Os crustáceos são um grupo familiar para a maioria das pessoas. Isso ocorre por estarem tanto no mar como nos rios e constituírem uma importante fonte de alimento, como os camarões, lagostas, caranguejos e siris.

Além dos grupos de crustáceos facilmente observáveis, os copépodos e cladóceros são animais fundamentais na ciclagem dos nutrientes, sendo membros importantes da comunidade planctônica.

Já foram descritas aproximadamente 68.200 espécies de crustáceos em todo o mundo e no Brasil são conhecidas aproximadamente 2.500 espécies (Amaral e Jablonski, 2005²).

O Instituto Chico Mendes já realizou três oficinas de avaliação do estado de conservação dos crustáceos, uma em 2010, no edifício sede do Instituto Chico Mendes em Brasília/DF, e duas em 2013, ambas no Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Sudeste e Sul - CEPSUL, em Itajaí/ SC. As oficinas de avaliação contaram com a colaboração de 44 especialistas, que avaliaram 120 espécies em 2010 e 135 em 2013.

Na avaliação das espécies foi utilizada a metodologia desenvolvida pela IUCN, que indica para cada espécie avaliada uma categoria de risco de extinção. Para organizar as informações sobre cada espécie, a equipe do Instituto Chico Mendes realizou a revisão bibliográfica e compilação de dados da literatura, sob coordenação científica do Coordenador de Táxon.

Até a publicação da Portaria MMA nº 445, de 17 de dezembro de 2014, foram realizadas etapas que buscaram garantir a ampla participação da comunidade científica e a divulgação dos resultados obtidos, conforme abaixo:

ETAPA PREPARATÓRIA

1. Reunião inicial de planejamento;
2. Compilação de dados;

¹ Como citar este documento: INSTITUTO CHICO MENDES. 2016. **Avaliação do risco de extinção dos crustáceos no Brasil: 2010-2014**. Itajaí (SC): CEPSUL. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/biblioteca/download/trabalhos_tecnicos/pub_2016_avaliacao_crustaceos_2010_2014.pdf>.

² Amaral, A. C. Z. and Jablonski, S. 2005. Conservation of marine and coastal biodiversity in Brazil. *Conservation Biology* 19(3): 625-631.



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

3. Consultas e divulgação;
4. Reunião preparatória para oficina.

ETAPA DE AVALIAÇÃO

5. Realização da oficina de avaliação;
6. Edição das informações;

ETAPA FINAL

7. Validação e publicação.

No primeiro ciclo de avaliação do risco de extinção dos crustáceos conduzido pelo Instituto Chico Mendes, 255 espécies de crustáceos foram avaliadas, sendo 148 espécies dulcícolas e 107 marinhas ou estuarinas, distribuídas nas categorias listadas abaixo:

CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO	Nº DE ESPÉCIES
Extinta (EX)	0
Regionalmente Extinta (RE)	0
Criticamente em Perigo (CR)	9
Em Perigo (EN)	13
Vulnerável (VU)	6
Quase Ameçada (NT)	10
Menos Preocupante (LC)	169
Dados Insuficientes (DD)	47
Não Aplicável (NA)	1

Das 42 espécies de caranguejos eglídeos registradas para o Brasil até 2013, 26 espécies (12 na oficina de 2010 e 14 na oficina de 2013) foram categorizadas sob ameaça de extinção, correspondendo a 62% das espécies ocorrentes no Brasil. É importante ressaltar que todas essas espécies ameaçadas de extinção são endêmicas da carcinofauna dulcícola brasileira.

Também foram avaliadas como ameaçadas de extinção as espécies marinhas *Johnngarhia*



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

lagostoma (H. Milne Edwards, 1837) e *Cardisoma guanhumi* Latreille, 1828.

A avaliação do risco de extinção das espécies de crustáceos só foi possível graças à participação de diversos pesquisadores, técnicos e especialistas nos táxons, nas ameaças ou nos critérios utilizados.

Pesquisadores participantes das oficinas de avaliação dos crustáceos (2010 e/ou 2013)

Alexandre Oliveira de Almeida – UESC

Allysson Pontes Pinheiro – URCA

Álvaro Luiz Diogo Reigada – UNISANTA

Ana Maria Torres Rodrigues – CEPSUL/ICMBio

Antônio Alberto da Silveira Menezes – CEPSUL/ICMBIO

Bianca Bentes da Silva – UFRA

Carlos Tassito Corrêa Ivo – UFC

Célio Magalhaes – INPA

Celso Fernandes Lin – CEPSUL/ICMBio

Emerson Contreira Mossolin – UFG

Evandro Severino Rodrigues – Instituto de Pesca/SP

Fernando L. Mantelatto – USP/Ribeirão Preto

Georgina Bond Backup – UFRGS

Harry Boos – CEPSUL/ICMBio

José Dias Neto – IBAMA

Kelly Martinez Gomes – UFRGS

Lourdes Maria Abdu El-moor Loureiro – UCB

Ludwig Backup – UFRGS

Luis Ernesto Arruda Bezerra – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Luis Felipe de Almeida Duarte – UNESP, IB/CLP

Luiz Fernando Rodrigues – CEPSUL/ICMBio

Marcelo Antonio Amaro Pinheiro – UNESP, IB/CLP

Martin Lindsey Christoffersen – UFPB



**MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL**

Paula Beatriz Araujo – UFRGS

Paulo Ricardo Pezzuto – UNIVALI

Petrônio Alves Coelho – UFPE

Roberta Aguiar dos Santos – CEPESUL/ICMBio

Rogério Caetano da Costa – UNESP

Sandro Santos – UFSM

Sérgio Schwarz da Rocha – UFRB

Sergio Luiz de Siqueira Bueno – USP

Setuko Masunari – UFPR

William Ricardo Amancio Santana – USC





MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

Especialistas participantes das oficinas de validação (2012 e 2014)

Adriano Pereira Paglia – UFMG
Alberto Akama – MPEG
Alexander Charles Lees – MPEG
Alexandre Luis Padovan Aleixo – MPEG
Amely Branquinho Martins – CPB/ICMBio
Ana Maria Torres Rodrigues – CEPESUL/ICMBio
André Cordeiro De Luca – autônomo
Anthony Brome Rylands – CI, EUA
Artur Andriolo – UFJF
Arturo Mora – IUCN
Beatrice Padovani Ferreira – UFPE
Beatriz de Melo Beisiegel – CENAP/ICMBio
Bruno Cavalcante Bellini – UFRN
Caio Graco Machado – UEFS
Carla Natacha Marcolino Polaz – CEPTA/ICMBio
Carla Simone Pavanelli – UEM
Carlos Eduardo Guidorizzi de Carvalho – ICMBio
Carolus Maria Vooren – FURG
Cibele Rodrigues Bonvicino – INCA
Cristiane Taguchi Elfes – IUCN
Cristiano de Campos Nogueira – MZUSP
Débora Leite Silvano – UCB
Débora de Oliveira Pires – MN/UFRRJ
Douglas Zeppelini Filho – UEPB
Domingos Garrone Neto – UNESP
Estevão Carino Fernandes de Sousa – ICMBio
Fábia de Oliveira Luna – CMA/ICMBio
Fabio Di Dario – UFRJ



**MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL**

Fábio Vieira – Acqua Consultoria e Recuperação de
Ambientes Aquáticos Ltda.

Flávia Lucena Frédou – UFRPE

Georgina Bond Backup – UFRGS

Harry Boos Júnior – CEPSUL/ICMBio

Helena Matthews Cascon – UFC

Jansen Alfredo Sampaio Zuanon – INPA

José Luís Olivan Birindelli – UEL

Luciano Gomes Fischer – UFRJ

Luís Fábio Silveira – MZUSP

Marcelo Antônio Amaro Pinheiro – UNESP

Marcelo Bassols Raseira – CEPAM/ICMBio

Marcelo Tognelli – IUCN

Márcio Roberto Costa Martins – USP

Marcos de Souza Fialho – CPB/ICMBio

Marina Palhares de Almeida – UnB

Mario Cohn-Haft – INPA

Michael Maia Mincarone – UFRJ

Miguel Ângelo Marini – UnB

Miguel d'Avila de Moraes – UICN

Nieves Garcia – IUCN

Ning Labbish Chao – UFAM

Onildo João Marini Filho – CECAT/ICMBio

Osmar Ângelo Cantelmo – CEPTA/ICMBio

Priscilla Prudente do Amaral – CEMAVE/ICMBio

Rafaela Nascimento Vicentini – CEPAM/ICMBio

Ricardo de Souza Rosa – UFPB

Roberta Aguiar dos Santos – CEPSUL/ICMBio

Roberto Esser dos Reis – PUCRS

Rogério Vieira Rossi – UFMT



**MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL**

Ronaldo Bastos Francini-Filho – UFPB

Sofia Campiolo – UESC

Teresa Cristina da Silveira Anacleto – UNEMAT

Thiago Orsi Laranjeiras – ICMBio

Wallace Rodrigues Telino Júnior – UFRPE

Yeda Soares de Lucena Bataus – RAN/ICMBio





MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

Equipe técnica envolvida no processo de avaliação dos crustáceos (2010 - 2014)

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Sudeste e Sul
CEPSUL/ Instituto Chico Mendes

Harry Boos – Ponto Focal (2012 - 2016)

Allan Cesar Silva Scalco

Antônio Alberto da Silveira Menezes

Celso Fernandes Lin

Crisller Pereira

Elizabethe Lobão Veras Micheletti

Eloisa Pinto Vizuette

Fabíola Schneider

Juliana de Oliveira e Silva

Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade
DIBIO/Instituto Chico Mendes

Rafael de Almeida Magris - Ponto Focal (2010 - 2012)

Carlos Eduardo Guidorizzi de Carvalho

Deise Leda Garcia

Drielle dos Santos Martins

Estevão Carino Fernandes de Souza

Kelly Martinez Gomes

Marina Palhares de Almeida

Maurício Pereira Almeirão

Monica Brick Peres

Rodrigo Ranulpho

Rosana Junqueira Subirá

Coordenadores de Táxon:

Marcelo Antônio Amaro Pinheiro (2012 - 2016)

Georgina Bond Backup (2010 - 2012)



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

Espécies de Crustáceos Avaliadas no Processo Conduzido pelo ICMBio (2010-2014)

Taxon	Nome comum	Categoria	Critério	Oficina de avaliação	Oficina de validação	Justificativa validada
Crustacea						
Branchiopoda						
Anomopoda						
Chydoridae						
<i>Alona broaensis</i> Matsumura-Tundisi & Smirnov, 1984	Cladóceros	LC		2010	2012	Durante muito tempo, a ocorrência de <i>Alona broaensis</i> foi confirmada apenas na localidade tipo (Represa do Broa, bacia do Rio Paraná, São Carlos, São Paulo), que é sujeita a intensa ação antrópica. Por este motivo, foi avaliada em 2002 como Dados Insuficientes (DD). Inventários mais recentes mostram sua ocorrência em outros corpos d'água de São Paulo e no Mato Grosso do Sul, ampliando sua distribuição em cerca de 800km a oeste. Portanto, a espécie foi avaliada como LC.
<i>Bergamina lineolata</i> (Sars 1901)	Cladóceros	LC		2010	2012	Por mais de um século, o único exemplar conhecido de <i>Bergamina lineolata</i> foi o coletado de um aquário preparado com sedimento de um local indeterminado na cidade de São Paulo ou arredores (Sars, 1901). Dada a intensa urbanização da área, ela foi avaliada em 2002 como Dados Insuficientes (DD). Inventários mais recentes mostram sua ocorrência em outros corpos d'água de São Paulo e Minas Gerais, ampliando sua distribuição conhecida. Portanto, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Anchistropus ominosus</i> Smirnov, 1985	Cladóceros	DD		2010	2012	Os únicos exemplares conhecidos compreende o lote dos tipos (dois indivíduos), oriundos de uma praia arenosa no Rio Xingu, não havendo registro confirmado em outra localidade. Em virtude do risco potencial representado pela UHE de Belo Monte, que se está planejada para cerca de 100 km à montante da localidade tipo, de seu hábito de vida especialista e do desconhecimento da distribuição desta espécie, ela foi classificada como Dados Insuficientes (DD).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Leydigioopsis megalops</i> Sars, 1901	Cladóceros	LC		2010	2012	Durante muito tempo, a ocorrência de <i>Alona broaensis</i> foi confirmada apenas na localidade tipo (Represa do Broa, bacia do Rio Paraná, São Carlos, São Paulo), que é sujeita a intensa ação antrópica. Foi classificada em 2002 como Dados Insuficientes (DD), em razão da falta de informações sobre sua biologia e status populacional. Inventários mais recentes mostram sua ocorrência em outras localidades no Brasil e na Venezuela, ampliando consideravelmente sua distribuição.
Malacostraca						
Amphipoda						
Dogielinotidae						
<i>Hyaella caeca</i> Pereira, 1989	Camarãozinho	LC		2010	2012	Até o momento, a espécie tem registro de ocorrência em um só curso d'água localizado em uma caverna no sul do Estado de São Paulo, em local de difícil acesso. A caverna encontra-se dentro de Unidade de Conservação, com acesso restrito a visitantes, embora sejam encontrados moradores nativos com residência dentro da UC. Apesar da distribuição restrita e de faltarem subsídios de dados populacionais e de distribuição, não há indícios de ameaças.
Decapoda						
Aeglidae						
<i>Aegla brevipalma</i> Bond-Buckup & Santos, 2012	Caranguejo- de-rio, eglá	CR	B2 ab(iii)	2013	2014	A espécie <i>Aegla brevipalma</i> é conhecida em uma única localização, com base em material coletado no ano 2000, possui área de ocupação estimada inferior a 10 km ² , e está sujeita ao declínio contínuo da qualidade de habitat. Tentativas de coletar novos indivíduos na única localização conhecida 10 anos depois (2010) da coleta do material-tipo mostraram-se infrutíferas. Considerando estas informações a espécie foi categorizada com Criticamente em Perigo (CR), segundo o critério B2ab(iii).
<i>Aegla camargoi</i> Buckup & Rossi, 1977	Caranguejo- de-rio, eglá	EN	B2 ab(iii)	2013	2014	A espécie <i>Aegla camargoi</i> tem área de ocupação estimada menor que 500 km ² (28 km ²), população severamente fragmentada, restrita às áreas de nascentes, com baixo poder de dispersão e com declínio continuado na qualidade do



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						habitat. Portanto, a espécie foi categorizada como Em Perigo (EN), considerando o critério B2ab(iii).
<i>Aegla castro</i> Schmitt, 1942	Caranguejo-de-rio, eglá	LC		2013	2014	<i>Aegla castro</i> ocorre na bacia do alto e médio rio Paranapanema, um dos rios tributários formadores da bacia do Alto Paraná, com registros de ocorrência abrangem o sul do estado de São Paulo e norte e nordeste do estado do Paraná. Portanto a espécie tem distribuição relativamente ampla, sendo frequente nos pontos com registro. Não há indícios de ameaça significativa sobre a espécie nos locais amostrados. Desta forma, a espécie foi avaliada com sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Aegla cavernicola</i> Türkay, 1972	Caranguejo-de-rio, eglá	CR	B2ab(iii,v)	2010	2012	A espécie é endêmica de um sistema de cavernas (Sistema Areias), possuindo reduzida área de ocupação (aproximadamente 0,02 km ²), e que corresponde a uma única “localização” (ing. “location”; sensu IUCN, 2010). Este sistema é caracterizado por ser ambiente singular, composto por um habitat subterrâneo frágil e de comunidade animal fortemente dependente de aporte de nutrientes de origem externa (meio epígeo). Além disso, observa-se ainda a degradação ambiental (assoreamento, desmatamento e poluição da água) no entorno das cavernas em consequência da ocupação humana e um acentuado declínio populacional nos últimos anos.
<i>Aegla franca</i> Schmitt, 1942	Caranguejo-de-rio, eglá	CR	B2ab(iii)	2010	2012	O estado de conservação de <i>Aegla franca</i> foi avaliado de acordo com os critérios da IUCN (2010), com base em informações recentes sobre a biologia e dados sobre a área de ocupação. A espécie é endêmica de córregos pertencentes à microbacia do rio Canoas (municípios de Franca, SP e Claraval, MG), conhecida de apenas sete córregos afluentes do rio Canoas (sete localizações). A população encontra-se fragmentada e a área de ocupação é muito inferior a 10km ² . Observa-se um processo de degradação ambiental em andamento, causada principalmente pelos seguintes fatores: eliminação da mata ciliar que acompanha os córregos, intensa atividade de agricultura e criação de gado e



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						presença de indústrias de processamento do couro, com descarte de resíduos altamente poluidores e tóxicos em rios e córregos da região. A categoria proposta para o táxon é Criticamente Em Perigo (CR), segundo o critério B2ab(iii).
<i>Aegla franciscana</i> Buckup & Rossi, 1977	Caranguejo-de-rio, eglá	DD		2013	2014	<i>Aegla franciscana</i> tem distribuição em parte do planalto catarinense e nordeste do Rio Grande do Sul, contudo existe dúvida sobre seu status taxonômico e podem estar ameaçadas de forma severa pelo lançamento de efluentes oriundos de atividades agropecuárias, principalmente a suinocultura. Por ser um complexo de espécies e não ser possível avaliar o quanto a ameaça que incide sobre a espécie impacta cada uma das possíveis entidades taxonômicas, a espécie foi avaliada como sendo da categoria de Dados Insuficientes (DD).
<i>Aegla grisella</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	VU	B1ab(iii)	2010	2012	O estado de conservação do caranguejo de rio <i>Aegla grisella</i> foi avaliado de acordo com os critérios da IUCN (2001), com base nos dados disponíveis para a espécie. A categoria proposta para o táxon é “Vulnerável (VU)” segundo o critério B1ab(iii), ou seja, ameaçado, de acordo com informações sobre o tamanho da distribuição geográfica, fragmentação e declínio da qualidade do habitat. A espécie é endêmica de bacias hidrográficas do estado do Rio Grande do Sul, com uma extensão de ocorrência (EOO) estimada em 13.861 km ² . O valor da EOO está superestimado porque leva em conta toda a área da sub-bacia, mas sabe-se que esta espécie ocupa uma área muito restrita devido às condições ambientais específicas que necessita para sua sobrevivência. A região central do Rio Grande do Sul vem sendo fortemente impactada desde a década de 70, especialmente pelo cultivo da monocultura da soja, com visível impacto sobre a qualidade das águas. O habitat da espécie, assim como a população, mostra-se muito fragmentado, e os exemplares têm ocorrido somente nas cabeceiras onde as águas ainda apresentam-se limpas e com corredeiras.
<i>Aegla inconspicua</i> Bond-Buckup &	Caranguejo-de-rio, eglá	VU	B1 ab(iii)	2013	2014	<i>Aegla inconspicua</i> está distribuída no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, a extensão de ocorrência (EOO) é menor que 20.000 km ² (7.300 km ²), com



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

Buckup, 1994						população severamente fragmentada, em áreas com declínio continuado na qualidade do habitat. Considerando as informações, a espécie foi categorizada como Vulnerável (VU), atendendo o critério B1ab(iii).
<i>Aegla inermis</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	EN	B1ab(iii)	2010	2012	O estado de conservação do caranguejo dessa espécie foi avaliado de acordo com os critérios da IUCN (2001). A categoria proposta para o táxon é Em Perigo (EN), segundo o critério B1ab(iii), ou seja, ameaçado, de acordo com informações sobre a distribuição geográfica, fragmentação e declínio. A sua ocorrência está restrita aos tributários das bacias do Rio Caí e dos Sinos, no Rio Grande do Sul, sendo esta última muito impactada, há várias décadas, pela utilização de agroquímicos nas plantações, indústrias de couro e dejetos urbanos. São conhecidas apenas cinco localidades com ocorrência da espécie. A extensão de ocorrência da espécie é estimada em cerca de 980km ² . A população mostra-se fragmentada e os exemplares ocorrem somente nas cabeceiras onde as águas ainda apresentam-se limpas e com corredeiras. Acompanha-se um constante declínio na qualidade do habitat combinada com uma distribuição restrita da espécie, o que pode ocasionar declínio populacional para a espécie.
<i>Aegla itacolomiensis</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	EN	B1 ab(iii)	2013	2014	<i>Aegla itacolomiensis</i> ocorre no leste do Rio Grande do Sul, a extensão de ocorrência (EOO) é menor que 5.000 km ² (3.979 km ²), com população severamente fragmentada, em áreas declínio continuado na qualidade do habitat. Considerando as informações, a espécie foi categorizada como Em Perigo (EN), atendendo o critério B1ab(iii).
<i>Aegla jarai</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	DD		2013	2014	<i>Aegla jarai</i> se distribui no centro-sul, sudeste e leste de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul, contudo existe dúvida sobre seu status taxonômico. Existem indícios de que poderia se tratar de um “complexo de espécies”, podendo levar ao desmembramento em duas ou mais entidades taxonômicas que podem estar ameaçadas de forma severa pelo lançamento de efluentes oriundos de atividades agropecuárias, principalmente a suinocultura, e o represamento para a construção de hidrelétricas. Por ser um complexo de espécies e não ser



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						possível avaliar o quanto as ameaças que incidem sobre a espécie impacta cada uma das possíveis entidades taxonômicas, a espécie foi avaliada como sendo Dados Insuficientes (DD).
<i>Aegla lata</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, egl	CR	B1ab(i,iii,iv)	2010	2012	O estado de conservação do caranguejo de rio <i>Aegla lata</i> foi avaliado de acordo com os critérios da IUCN (2001), com base nos dados disponíveis para a espécie. A categoria proposta para o táxon é a Criticamente Em Perigo (CR), segundo o critério B1ab(i,iii,iv), ou seja, ameaçado, de acordo com informações sobre o tamanho da distribuição geográfica, fragmentação e declínio. Espécie endêmica da bacia hidrográfica do Rio Paranapanema, no Paraná, conhecida de apenas três pontos de registro. Em um deles (localidade-tipo) a espécie é considerada extinta localmente, após quatro amostragens efetivadas nos últimos 10 anos. Os outros estão no Parque Estadual Mata dos Godoy, em Londrina, em apenas dois riachos nos cursos de cabeceira e médio, com uma extensão de ocorrência (EOO) estimada em 6,5km ² (área do Parque). Além de haver apenas duas localizações (dois riachos dentro do Parque), suas populações são pouco abundantes e há observação de redução populacional e declínio da qualidade do habitat. A região no entorno do Parque vem sofrendo desmatamento para o cultivo do café, implantação de pastagens e recentemente grandes monoculturas.
<i>Aegla leachi</i> Bond-Buckup & Buckup, 2012	Caranguejo-de-rio, egl	EN	B1ab(iii)+2ab(iii)	2013	2014	<i>Aegla leachi</i> ocorre em Santa Catarina, a extensão de ocorrência (EOO) é menor que 5.000 km ² (4.860 km ²) e área de ocupação (AOO) é inferior a 500 km ² (12 km ²), com população severamente fragmentada, em áreas com declínio continuado na qualidade do habitat. Considerando as informações, a espécie foi categorizada como Em Perigo (EN), atendendo aos critérios B1ab(iii)+2ab(iii).
<i>Aegla leptochela</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, egl	CR	B2ab(iii,v)	2010	2012	O estado de conservação desta espécie foi reavaliado de acordo com os critérios da IUCN (2010), com base em dados atualizados disponíveis para a espécie. A categoria proposta para o táxon é de Criticamente Ameaçada (CR), segundo o critério B2ab(iii,v), selecionado com base em uma área de ocupação (AOO)



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						<p>muito reduzida e estimada em 0,00864 km²; apenas uma localização, representada pela própria localidade-tipo (Gruta dos Paiva) e caracterizada por ser um ambiente singular (hipógeo), frágil e com comunidade animal fortemente dependente de aporte de nutrientes de origem externa (meio epígeo). A localidade-tipo apresenta declínio na qualidade do habitat em virtude da exploração de minério e de calcário, desmatamento e perturbações provocadas por visitação, além de sofrer com a introdução e estabelecimento de uma população não-endêmica de carpa que compete com os eglídeos pelos escassos recursos de alimento e nutrientes provenientes do meio epígeo.</p>
<i>Aegla leptodactyla</i> Buckup & Rossi, 1977	Caranguejo-de-rio, eglá	VU	B1 ab(iii)	2013	2014	<p><i>Aegla leptodactyla</i> distribui-se no nordeste do RS e planalto de SC, a extensão de ocorrência (EOO) é menor que 20.000 km² (5.260 km²), com população severamente fragmentada, em áreas com declínio continuado na qualidade do habitat. Considerando as informações, a espécie foi categorizada como Vulnerável (VU), atendendo o critério B1ab(iii).</p>
<i>Aegla ligulata</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	VU	B1 ab(iii)	2013	2014	<p><i>Aegla ligulata</i> ocorre no nordeste do Rio Grande do Sul, a extensão de ocorrência (EOO) é menor que 20.000 km² (5.700 km²), com população severamente fragmentada, em áreas com declínio continuado na qualidade do habitat. Considerando as informações, a espécie foi categorizada como Vulnerável (VU), atendendo o critério B1ab(iii).</p>
<i>Aegla longirostri</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	DD		2013	2014	<p><i>Aegla longirostri</i> distribui-se pelo nordeste, centro e leste do Estado do Rio Grande do Sul, contudo existe dúvida sobre seu status taxonômico. Existem evidências de que se trata de um “complexo de espécies”, podendo levar ao desmembramento em duas ou mais entidades taxonômicas que podem estar ameaçadas de forma severa pela retirada da mata ciliar, contaminação por pesticidas e lançamento, nos arroios, de resíduos orgânicos provenientes da suinocultura. Por ser um complexo de espécies e não ser possível avaliar o quanto as ameaças que incidem sobre a espécie impacta cada uma das possíveis entidades taxonômicas, a espécie foi avaliada como sendo Dados Insuficientes (DD).</p>



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Aegla manuinflata</i> Bond-Buckup & Santos, 2009	Caranguejo-de-rio, eglá	EN	B1ab(iii)+2ab(iii)	2013	2014	<i>Aegla manuinflata</i> ocorre na região central do estado do Rio Grande do Sul, a extensão de ocorrência (EOO) é menor que 5.000 km ² (2.830 km ²) e área de ocupação (AOO) é inferior a 500 km ² (12 km ²), em 3 localizações, em áreas declínio continuado na qualidade do habitat. Considerando as informações, a espécie foi categorizada como Em Perigo (EN), atendendo aos critérios B1ab(iii)+2ab(iii).
<i>Aegla marginata</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	DD		2013	2014	<i>Aegla marginata</i> ocorre no sul de São Paulo, leste do Paraná e nordeste de Santa Catarina, contudo existe dúvida sobre seu status taxonômico. Existem indícios de que poderia se tratar de um “complexo de espécies”, podendo levar ao desmembramento em duas ou mais entidades taxonômicas que podem estar ameaçadas de forma severa pelo declínio contínuo da qualidade do habitat ao longo de sua extensão de ocorrência. Por ser um complexo de espécies e não ser possível avaliar o quanto as ameaças que incidem sobre a espécie impacta cada uma das possíveis entidades taxonômicas, a espécie foi avaliada como sendo Dados Insuficientes (DD).
<i>Aegla microphthalmia</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	CR	B2ab(iii,v)	2010	2012	A categoria de Criticamente em Perigo (CR) selecionada aqui reflete o preocupante declínio populacional inferido com base em observações realizadas por alguns pesquisadores ao longo dos últimos 35 anos e na reduzida área de ocupação (0,02272 km ²), representada por uma única localização (localidade-tipo, Caverna Santana), caracterizada por ser um ambiente singular (habitat subterrâneo), frágil e com comunidade animal fortemente dependente de aporte de nutrientes de origem externa (meio epígeo). A degradação ambiental na região causada pela exploração de minério até recentemente e a competição com a população de camarões de água doce que se estabeleceram no interior da caverna são considerados como as prováveis causas principais que atuaram e que continuam atuando para o declínio populacional observado. Inspeções realizadas na Caverna Santana no ano de 2009 não tiveram sucesso em amostrar novos exemplares de <i>Aegla microphthalmia</i> .



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Aegla muelleri</i> Bond-Buckup & Backup, 2010	Caranguejo-de-rio, eglá	NT		2013	2014	<i>Aegla muelleri</i> ocorre em Santa Catarina apenas em microbacias nos municípios de Indaial e Monte Castelo. A extensão de ocorrência considerando as microbacias foi estimada em 7.650 km ² e área de ocupação de 8 km ² . A população encontra-se severamente fragmentada, com apenas duas localizações conhecidas em sub-bacias distintas. A área de ocupação (AOO) e a fragmentação da população inicialmente apontam para a categoria Criticamente em Perigo (CR), porém pelo fato de uma das localizações estar situada em um Unidade de Conservação, onde não há indicativo de atender nenhuma das condições dos subcritérios “b” ou “c”, a espécie foi categorizada como Quase Ameaçada (NT), sendo quase atendido o critério B2.
<i>Aegla oblata</i> Bond-Buckup & Santos, 2012	Caranguejo-de-rio, eglá	EN	B1 ab(iii)	2013	2014	<i>Aegla oblata</i> ocorre em Santa Catarina na bacia hidrográfica do Rio Pelotas, sendo a extensão de ocorrência (EOO) menor que 5.000 km ² (1.928 km ²), com população severamente fragmentada e em áreas com declínio continuado na qualidade do habitat. Considerando estas informações, a espécie foi categorizada como Em Perigo (EN), atendendo ao critério B1ab(iii).
<i>Aegla obstipa</i> Bond-Buckup & Backup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	EN	B1ab(iii)	2010	2012	A espécie foi registrada em sete locais na micro-bacia do Arroio dos Ratos (RS), em uma extensão de ocorrência (EOO) estimada em 50km ² . Esses locais são agrupados em quatro localizações, que estão ameaçadas pela remoção da mata ciliar para a pecuária, agricultura intensiva e plantio de monoculturas de árvores exóticas, assim como pelo uso de defensivos agrícolas e pelo assoareamento dos cursos d’água.
<i>Aegla odebrechtii</i> Müller, 1876	Caranguejo-de-rio, eglá	LC		2013	2014	<i>Aegla odebrechtii</i> ocorre no centro e leste do estado de Santa Catarina e em um município do norte do Rio Grande do Sul (Sananduva). A EOO foi estimada em 27.037 km ² , perfazendo uma distribuição relativamente ampla. Não há indícios de ameaça significativa sobre a espécie. Desta forma, a espécie foi avaliada com sendo Menos Preocupante (LC).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Aegla parana</i> Schmitt, 1942	Caranguejo-de-rio, eglá	DD		2013	2014	<i>Aegla parana</i> ocorre na Argentina (Misiones; Parque Nacional do Iguazu) e Brasil (Sudoeste, Sul e Sudeste do estado do Paraná; Norte do estado de Santa Catarina), contudo existe dúvida sobre seu status taxonômico. Existem indícios de que poderia se tratar de um “complexo de espécies”, podendo levar ao desmembramento em duas ou mais entidades taxonômicas que podem estar ameaçadas de forma severa pelo declínio contínuo da qualidade do habitat ao longo de sua extensão de ocorrência devido a retirada da mata ciliar, contaminação por pesticidas e lançamento, nos arroios, de resíduos orgânicos. Por ser um complexo de espécies e não ser possível avaliar o quanto as ameaças que incidem sobre a espécie impacta cada uma das possíveis entidades taxonômicas, a espécie foi avaliada como sendo Dados Insuficientes (DD).
<i>Aegla parva</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	LC		2013	2014	<i>Aegla parva</i> é endêmica do Brasil, ocorrendo no sul e sudoeste do estado do Paraná, nordeste e sudeste do estado de Santa Catarina. A distribuição é relativamente ampla e a espécie é frequente nos locais de ocorrência. Não há indícios de ameaça significativa sobre a espécie. Desta forma, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Aegla paulensis</i> Schmitt, 1942	Caranguejo-de-rio, eglá	DD		2013	2014	<i>Aegla paulensis</i> apresenta distribuição ampla e em bacias hidrográficas isoladas nos estados de São Paulo e Paraná, contudo existe dúvida sobre seu status taxonômico. Existem evidências de que se trata de um “complexo de espécies”, podendo levar ao desmembramento em dois ou mais entidades taxonômicas que podem estar ameaçadas de forma severa pelo declínio contínuo da qualidade do habitat ao longo de sua extensão de ocorrência devido a retirada da mata ciliar, contaminação por pesticidas e lançamento, nos arroios, de resíduos orgânicos. Por ser um complexo de espécies e não ser possível avaliar o quanto as ameaças que incidem sobre a espécie impacta cada uma das possíveis entidades taxonômicas, a espécie foi avaliada como sendo Dados Insuficientes (DD).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Aegla perobae</i> Hebling & Rodrigues, 1977	Caranguejo-de-rio, eglá	CR	B2ab(iii)	2010	2012	A espécie é endêmica do município de São Pedro (SP), encontrada somente em 10 localizações ao longo da encosta da Serra de São Pedro. A área de ocupação (AOO) é estimada em 0,02km ² . A distribuição de <i>Aegla perobae</i> encontra-se severamente fragmentada e caracterizada por subpopulações reprodutivamente isoladas. O hábitat sofre contínua degradação em função do avanço da agropecuária. A poluição doméstica e uso de agrotóxicos nos trechos a montante das áreas de ocorrência contribuem para agravar ainda mais a degradação do habitat. Entre 2009 e 2010 observou-se uma significativa diminuição no tamanho da população de indivíduos adultos.
<i>Aegla plana</i> Buckup & Rossi, 1977	Caranguejo-de-rio, eglá	EN	B1 ab(iii)	2013	2014	A espécie <i>Aegla plana</i> é endêmica do Brasil e está distribuída nas cabeceiras dos tributários do Taquari-Antas e Caí (RS), com extensão de ocorrência estimada menor que 5.000 km ² (3.333 km ²), população severamente fragmentada, com baixo poder de dispersão e com declínio continuado na qualidade do habitat em função principalmente da agropecuária. Portanto, <i>Aegla plana</i> foi categorizada como Em Perigo (EN), considerando o critério B1ab(iii).
<i>Aegla platensis</i> Schmitt, 1942	Caranguejo-de-rio, eglá	DD		2013	2014	<i>Aegla platensis</i> ocorre na Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil onde é amplamente distribuída nos tributários da bacia do rio Uruguai. Contudo, existe dúvida sobre seu status taxonômico. Existem indícios de que poderia se tratar de um “complexo de espécies”, podendo levar ao desmembramento em duas ou mais entidades taxonômicas que podem estar ameaçadas de forma severa pelo declínio contínuo da qualidade do habitat ao longo de sua extensão de ocorrência devido a retirada da mata ciliar, contaminação dos corpos d’água por pesticidas utilizados nas lavouras e lançamento de dejetos oriundos da pecuária. Por ser um complexo de espécies e não ser possível avaliar o quanto as ameaças que incidem sobre a espécie impacta cada uma das possíveis entidades taxonômicas, a espécie foi avaliada como sendo Dados Insuficientes (DD).
<i>Aegla pomerana</i> Bond-Buckup &	Caranguejo-de-rio, eglá	EN	B1 ab(iii)	2013	2014	<i>Aegla pomerana</i> é endêmica de Santa Catarina e tem área de ocupação estimada menor que 5000 km ² (3.636 km ²), população severamente fragmentada, com



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

Buckup, 2010						apenas duas subpopulações em bacias distintas e com declínio continuado na qualidade do habitat (turismo rural, agricultura). Portanto, a espécie foi categorizada como Em Perigo (EN), considerando o critério B1ab(iii).
<i>Aegla prado</i> Schmitt, 1942	Caranguejo-de-rio, eglá	NT		2013	2014	<i>Aegla prado</i> tem ocorrência no Uruguai e Brasil, onde está inserida ao sul da Lagoa dos Patos e na região da Lagoa Mirim. A espécie apresenta distribuição restrita, com uma extensão de ocorrência estimada de aproximadamente 6.000 km ² , atingindo os limiares para a categoria Vulnerável (VU), pelo critério B1. Existe um declínio continuado da qualidade do habitat em decorrência da rizicultura na área de ocorrência da espécie, contudo os demais subcritérios não foram atingidos e por isso, <i>Aegla prado</i> foi categorizada como Quase Ameaçada (NT), considerando o critério B1b(iii).
<i>Aegla renana</i> Bond-Buckup & Santos, 2010	Caranguejo-de-rio, eglá	CR	B2ab(iii)	2010	2012	Sua área de ocupação (AOO) foi estimada em menos de 10 km ² . Após coletas em bacias hidrográficas próximas e contíguas constatou-se que a espécie ocorre somente em uma localidade/localização. O curso d'água onde a espécie ocorre é próximo à cidade de Nova Petrópolis, RS e sofre impacto de ações antrópicas, especialmente a destruição da mata ciliar e o assoreamento do curso d'água que descaracterizam o habitat. A fragmentação e o constante declínio na qualidade do habitat são potenciais ameaças a sua existência.
<i>Aegla rossiana</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	EN	B1 ab(iii)	2013	2014	<i>Aegla rossiana</i> é endêmica do Brasil (sudeste de Santa Catarina e Nordeste do Rio Grande do Sul), tem extensão de ocorrência estimada menor que 5000 km ² , população severamente fragmentada, restrita às áreas de nascentes, com baixo poder de dispersão e com declínio continuado na qualidade do habitat em decorrência da urbanização e agricultura. Portanto, a espécie foi categorizada como Em Perigo (EN), considerando o critério B1ab(iii).
<i>Aegla schmitti</i> Hobbs III, 1979	Caranguejo-de-rio, eglá	LC		2013	2014	<i>Aegla schmitti</i> possui ampla distribuição, ocorrendo no sul de São Paulo, leste e sudeste do Paraná, e norte de Santa Catarina, e trata-se de uma espécie



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						frequente. Não foram detectadas ameaças que coloquem a espécie em risco de extinção. Portanto, <i>Aegla schmitti</i> foi categorizada como Menos Preocupante – LC.
<i>Aegla serrana</i> Buckup & Rossi, 1977	Caranguejo-de-rio, eglá	LC		2013	2014	<i>Aegla serrana</i> possui ampla distribuição, ocorrendo desde o Sul de Santa Catarina até o nordeste do Rio Grande do Sul e trata-se de uma espécie frequente. Não foram detectadas ameaças que coloquem a espécie em risco de extinção. Portanto, <i>A. serrana</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Aegla singularis</i> Ringuelet, 1948	Caranguejo-de-rio, eglá	LC		2013	2014	<i>Aegla singularis</i> possui ampla distribuição, ocorrendo desde a Província de Misiones (Argentina), até o Noroeste do Rio Grande do Sul e Sul de Santa Catarina (Brasil), e trata-se de uma espécie frequente. Não foram detectadas ameaças que coloquem a espécie em risco de extinção. Portanto, <i>Aegla singularis</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Aegla spinipalma</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	VU	B1 ab(iii)	2013	2014	<i>Aegla spinipalma</i> é uma espécie endêmica do Brasil com distribuição restrita ao centro e nordeste do Rio Grande do Sul, com extensão de ocorrência estimada em 16.100 km ² . A população encontra-se severamente fragmentada, restrita a locais que ainda mantém os atributos necessários à sua existência (riachos com água limpa e bem oxigenada). Estes ambientes têm sido suprimidos em decorrência da agricultura intensiva e redução das matas ciliares, o que tem causado declínio continuado da qualidade do habitat onde a espécie ocorre. Considerando estas informações, <i>Aegla spinipalma</i> foi categorizada como Vulnerável (VU), considerando o critério B1 ab(iii).
<i>Aegla spinosa</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	VU	B1 ab(iii)	2013	2014	<i>Aegla spinosa</i> é uma espécie endêmica da fauna brasileira, com distribuição restrita às cabeceiras de riachos tributários do alto Uruguai, tanto no centro-sul de Santa Catarina como ao norte do Rio Grande do Sul, com extensão de ocorrência estimada em 16.946 km ² . A população encontra-se severamente fragmentada pela construção de represas hidroelétricas. Além disso, a expansão agrícola, suinocultura e avicultura, têm provocado o declínio continuado da qualidade do habitat, visto que sobrevivem apenas em riachos com água limpa e



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						bem oxigenada. Considerando estas informações, <i>Aegla spinosa</i> foi categorizada como Vulnerável (VU), considerando o critério B1 ab(iii).
<i>Aegla strinatii</i> Türkay, 1972	Caranguejo-de-rio, eglá	EN	B2ab(iii)	2010	2012	<i>Aegla strinatii</i> é endêmica da bacia do rio Ribeira de Iguape, com uma área de ocupação (AOO) estimada em 0,0176 km ² , em duas localizações. Há um declínio contínuo da qualidade do habitat provocado por atividades antrópicas na área de ocupação. Pelo Critério B a espécie apresenta AOO < 500 km ² ; duas localizações (a) e declínio na qualidade do ambiente [b(iii)]. Portanto, a espécie foi categorizada como Em Perigo (EN), sob o critério B2ab(iii).
<i>Aegla uruguayana</i> Schmitt, 1942	Caranguejo-de-rio, eglá	DD		2013	2014	<i>Aegla uruguayana</i> ocorre na Argentina, Uruguai e Brasil na Bacia do Rio Uruguai (RS), contudo existe dúvida sobre seu status taxonômico. Existem indícios de que poderia se tratar de um “complexo de espécies”, podendo levar ao desmembramento em duas ou mais entidades taxonômicas. Esta condição impede a avaliação adequada da espécie. Portanto, a espécie foi avaliada como sendo Dados Insuficientes (DD).
<i>Aegla violacea</i> Bond-Buckup & Buckup, 1994	Caranguejo-de-rio, eglá	EN	B1ab(iii,iv)	2010	2012	<i>Aegla violacea</i> é endêmica das bacias hidrográficas do Lago Guaíba e do Baixo Jacuí (RS), com uma extensão de ocorrência (EOO) estimada em 655km ² . São conhecidas apenas quatro localizações nos pequenos tributários do Arroio do Ribeiro e do Rio Grande. Estes cursos d’água estão sob as mesmas ameaças, destacando-se o impacto do desenvolvimento urbano, a poluição por defensivos agrícolas, a pecuária intensiva, desenvolvimento de árvores exóticas, supressão da mata ciliar e o assoreamento do rio. Foi registrado o desaparecimento de subpopulações da espécie para um afluente da micro-bacia do Arroio Grande. A categoria proposta para o táxon é Em Perigo (EN), critério B1ab(iii,iv), considerando as informações sobre a extensão de ocorrência, a distribuição fragmentada, o desaparecimento de subpopulações e o declínio na qualidade do habitat.
<i>Alpheus cristulifrons</i> Rathbun, 1900	Camarão-estalo	LC		2013	2014	<i>Alpheus cristulifrons</i> é uma espécie amplamente distribuída no Atlântico Ocidental, ocorrendo desde os Estados Unidos (Flórida) até o Brasil em águas



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						rasas até 5 m de profundidade. No Brasil foi registrada do Rio Grande do Norte ao Rio de Janeiro e algumas ilhas oceânicas. Embora a sobrevivência da espécie dependa da conservação de recifes de corais, não foram encontradas ameaças significativas à mesma. Portanto, <i>Alpheus cristulifrons</i> foi categorizada como Menos Preocupante – LC.
<i>Alpheus formosus</i> Gibbes, 1850	Camarão-estalo	LC		2013	2014	<i>Alpheus formosus</i> é uma espécie amplamente distribuída no Atlântico Ocidental, ocorrendo desde os Estados Unidos até o Brasil em águas rasas até 40 m de profundidade. No Brasil foi registrada do Ceará ao Paraná e em algumas ilhas oceânicas. Não foram encontradas ameaças significativas à espécie. Portanto, <i>Alpheus formosus</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Alpheus peasei</i> (Armstrong, 1940)	Camarão-estalo	LC		2013	2014	<i>Alpheus peasei</i> é uma espécie com distribuição descontínua no Atlântico Ocidental. Há registros em Bermuda, da Flórida até Tobago e Brasil, desde águas rasas até 25 m de profundidade. No Brasil só foi registrada em dois pontos no Município de Marau (Bahia), associada a recifes de corais já mortos, com reduzida abundância e aparentemente rara em relação aos demais crustáceos. Não foram identificadas ameaças significativas à espécie, tendo em vista a ocorrência de seu registro em associação aos recifes de corais já mortos, sem influência, portanto, dos conhecidos impactos aos quais os recifes coralinos estão submetidos. Portanto, <i>Alpheus peasei</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Alpheus simus</i> Guérin-Méneville, 1855	Camarão-estalo	LC		2013	2014	<i>Alpheus simus</i> distribui-se no Atlântico Ocidental desde os Estados Unidos, América Central, norte da América do Sul e Brasil desde áreas rasas até 5 m de profundidade. No Brasil há registros no Rio Grande do Norte e Bahia. É uma espécie críptica e endolítica, dependente de recifes de coral, vivendo em galerias ativamente escavadas em substratos coralíneos, onde permanece prisioneiro a partir do estágio juvenil. Contudo, não foram encontradas ameaças significativas à espécie. Portanto <i>Alpheus simus</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Synalpheus hemphilli</i> Coutière, 1909	Camarão-estalo	LC		2013	2014	<i>Synalpheus hemphilli</i> é uma espécie distribuída no Atlântico Ocidental dos Estados Unidos, Caribe, norte da América do Sul e Brasil desde águas rasas até os 50 m de profundidade. No Brasil, há registros no Ceará e Bahia, estando provavelmente associada a esponjas em fundos de areia com fanerógamas marinhas. Apesar desta aparente associação da espécie com as esponjas marinhas, não foram identificadas ameaças significativas. Portanto, <i>Synalpheus hemphilli</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Synalpheus longicarpus</i> (Herrick, 1891)	Camarão-estalo	LC		2013	2014	<i>Synalpheus longicarpus</i> é uma espécie distribuída no Atlântico Ocidental dos Estados Unidos ao Brasil, ocorrendo em águas rasas. No litoral brasileiro, há registros da Paraíba ao Rio de Janeiro, estando associada a esponjas, possuindo hábitos crípticos. Atualmente, embora <i>S. longicarpus</i> seja reconhecido como um complexo de espécies e de sua associação com as esponjas marinhas, não foram identificadas ameaças significativas. Portanto, <i>Synalpheus longicarpus</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Synalpheus minus</i> (Say, 1818)	Camarão-estalo	LC		2013	2014	<i>Synalpheus minus</i> é uma espécie distribuída no Atlântico Ocidental dos Estados Unidos ao Brasil, ocorrendo em águas rasas até 85 m de profundidade. No litoral brasileiro, há registros do Ceará até São Paulo e ilhas oceânicas, estando associada a esponjas, possuindo hábitos crípticos. Embora possivelmente <i>S. minus</i> faça parte de um complexo de espécies e de sua associação com as esponjas marinhas, não foram identificadas ameaças significativas. Portanto, <i>Synalpheus minus</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Synalpheus sanctithomae</i> Coutière, 1909	Camarão-estalo	LC		2013	2014	<i>Synalpheus sanctithomae</i> é uma espécie distribuída no Atlântico Ocidental dos Estados Unidos ao Brasil, ocorrendo em águas rasas até 20 m de profundidade. No litoral brasileiro, há registros no Atol das Rocas, Pernambuco e Bahia, estando associada a esponjas, possuindo hábitos crípticos. Apesar de ser simbionte obrigatório de esponjas marinhas, não foram identificadas ameaças significativas. Portanto, <i>Synalpheus sanctithomae</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Synalpheus townsendi</i> Coutière, 1909	Camarão-estalo	LC		2013	2014	<i>Synalpheus townsendi</i> é uma espécie distribuída no Atlântico Ocidental dos Estados Unidos ao Brasil, ocorrendo da zona entremarés até 120 m de profundidade. No litoral brasileiro há registros no Ceará, Atol das Rocas e de Alagoas ao Rio de Janeiro. É uma espécie críptica associada a diversos microhabitats para a qual não foram identificadas ameaças significativas. Portanto, <i>Synalpheus townsendi</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
Aristeidae						
<i>Aristaeomorpha foliacea</i> (Risso, 1827)	Camarão-moruno	LC		2013	2014	<i>Aristaeomorpha foliacea</i> é uma espécie com ampla distribuição, ocorrendo nos oceanos Atlântico, Índico e Indo-Pacífico. No Atlântico Ocidental, ocorre desde os EUA até o Brasil (registros da Bahia ao Rio Grande do Sul), em profundidades desde os 250 até por volta dos 1.000 m. Não há evidências sobre declínios populacionais no Brasil, embora tenha havido uma pescaria comercial voltada à espécie de 2002 a 2009. Atualmente ela não é explorada e não foram identificadas ameaças adicionais. Portanto, <i>Aristaeomorpha foliacea</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Aristaeopsis edwardsiana</i> (Johnson, 1868)	Carabineiro	LC		2013	2014	<i>Aristaeopsis edwardsiana</i> tem ampla distribuição, ocorrendo nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico. No Atlântico Ocidental, ocorre desde o Canadá até o Uruguai, em profundidades de 200 a 1850 m. Dados demonstram que houve uma queda de biomassa significativa da espécie nos fundos de pesca do Sudeste/Sul do Brasil. Considerando que a sua exploração cessou em 2009, que outras regiões do litoral brasileiro foram bem menos ou não exploradas e que a espécie deve estender sua distribuição para áreas mais profundas, atualmente, <i>A. edwardsiana</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Aristeus antillensis</i> A. Milne-Edwards & Bouvier, 1909	Camarão-alistado	LC		2013	2014	<i>Aristeus antillensis</i> tem ampla distribuição, ocorrendo no Atlântico Ocidental, desde Delaware até Santa Catarina, em profundidades de 200 a pelo menos 1144 m. Dados demonstram que houve uma queda de biomassa significativa nos fundos de pesca do Sudeste do Brasil. Considerando que a exploração da espécie cessou em 2009, que outras regiões do litoral brasileiro foram bem menos ou não exploradas e que este camarão deve estender sua distribuição para áreas mais profundas, <i>A. antillensis</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						Cabe ressaltar, contudo, que comparativamente a <i>Aristaeomorpha foliacea</i> e <i>Aristaeopsis edwardsiana</i> , espécies com as quais <i>A. antillensis</i> é pescada, esta última apresenta concentrações mais restritas espacialmente colocando-a em uma situação que demanda maior atenção quanto à sua conservação.
Atyidae						
<i>Atya gabonensis</i> Giebel, 1875	Camarão-de-pedra	DD		2013	2014	<i>Atya gabonensis</i> no Brasil tem registro de ocorrência em bacias hidrográficas costeiras nos estados do MA, PI, AL, SE, RJ e SP, com subpopulações naturalmente pequenas (áreas restritas e reduzido número de indivíduos), e com a suspeita de que possam estar declinando em função das barragens, embora não seja possível quantificar com os dados disponíveis. Portanto a espécie foi avaliada na categoria Dados Insuficientes (DD).
<i>Atya scabra</i> (Leach, 1815)	Camarão-cavalo	NT		2010	2012	O estado de conservação de <i>Atya scabra</i> foi avaliado de acordo com os critérios da IUCN (2001), com base nas poucas informações disponíveis. Vivem em rios litorâneos, sendo que as larvas dependem de água salobra para o desenvolvimento. São geralmente encontradas em regiões de grande correnteza, normalmente com água limpa e sem poluição, com adaptações morfológicas que permitem grande adesão às rochas nesse nicho que ocupa. Dessa forma, acredita-se que a presença de rochas em áreas de grande correnteza é fator preponderante na ocorrência da espécie, e que a modificação desse tipo de habitat (água e ambiente) pelo homem possa afetar negativamente a espécie, tornando-a vulnerável à predação. A ocorrência em ambiente muito específico, água com muito oxigênio e em corredeiras, contribui para a vulnerabilidade da espécie. Mesmo considerando o fato de que a população está declinando em alguns pontos específicos (RJ e ES), com indícios de extinções locais, a espécie apresenta uma ampla distribuição geográfica e subpopulações com grande



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						quantidade de indivíduos (e.g. Ilhéus, BA). Há poucas informações populacionais e observações de campo que indiquem declínio populacional superior a 30%, considerando a ampla distribuição da espécie. Portanto, a espécie é categorizada aqui como Quase Ameaçada (NT), pois quase atende ao critério A2c.
<i>Potimirim brasiliana</i> Villalobos, 1959	Camarãozinho-de-rio	LC		2010	2012	A espécie é endêmica do Brasil, ocorrendo em diversos rios ao longo da costa, principalmente do Sudeste e Sul. É ameaçada pela poluição dos rios e existem indícios pontuais de declínio de subpopulações. Acredita-se que a população não sofreu declínio significativo. Contudo recomenda-se a execução de esforços amostrais para que se possa avaliar com maior precisão seu status de conservação.
<i>Potimirim potimirim</i> Müller, 1881	Camarãozinho-de-rio	LC		2010	2012	Esses camarões frequentemente habitam as margens de rios costeiros, podendo em teoria ocorrer em toda a costa do litoral brasileiro. É ameaçada pela poluição dos rios e existem indícios pontuais de declínio de subpopulações. Acredita-se que a população não sofreu declínio significativo. Contudo recomenda-se a execução de esforços amostrais para que se possa avaliar com maior precisão seu status de conservação.
Callianassidae						
<i>Callichirus major</i> (Say, 1818)	Corrupto	DD		2010	2012	O estado de conservação do “corrupto de praia”, <i>Callichirus major sensu lato</i> foi avaliado de acordo com os critérios da IUCN (2010), com base nos dados disponíveis para a espécie na literatura científica. Trata-se de um importante recurso devido à sua ampla utilização como isca para pesca em diversas áreas costeiras (Wynberg & Branch, 1994; Contessa & Bird, 2004; Skilleter <i>et al.</i> , 2005), inclusive ao longo do litoral brasileiro (Borzzone & Souza, 1996; Souza & Borzzone, 2003). A sua utilização como isca é particularmente elevada em períodos de veraneio, com o aumento do número de turistas. A utilização como isca ocorre devido à sua qualidade atrativa para peixes e pela sua facilidade de



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						<p>captura nas praias arenosas (Peiró & Mantelatto, 2011). A extração descontrolada para tal finalidade pode causar alterações em sua estrutura populacional como também na de outras espécies existentes no sedimento, incluindo as simbiontes (Wynberg & Branch, 1991; Peiró & Mantelatto, 2011). A única estimativa da captura de corruptos disponível (Souza & Borzone, 2003, no Estado do Paraná) indica a captura anual de cerca de 250 mil indivíduos, o que representa aproximadamente 10% do total de corruptos na área estudada. Já na costa nordeste e norte (regiões menos investigadas) não há evidências de o uso deste organismo como isca. Considerando que não é possível supor quanto foi o declínio da população de <i>C. major</i> ao longo da costa brasileira, a espécie foi categorizada como Dados Insuficientes (DD). Recomenda-se, portanto, o incremento no número de estudos populacionais nas diversas regiões de ocorrência e a avaliação dos impactos causados pela captura.</p>
Carpiliidae						
<i>Carpilius corallinus</i> (Herbst, 1783)	Siri-guajá	LC		2013	2014	<p><i>Carpilius corallinus</i> é uma espécie distribuída no Atlântico Ocidental dos Estados Unidos até o Brasil desde águas rasas até 50 m de profundidade. No litoral brasileiro há registros confirmados do Ceará até Alagoas e ilhas oceânicas. Há registros pontuais na Bahia e em São Paulo. Embora seja capturado incidentalmente na pesca da lagosta e em pescarias de subsistência, esta é uma ameaça local que atualmente não representa risco de extinção à espécie devido a sua amplitude de distribuição geográfica e batimétrica. Portanto, <i>Carpilius corallinus</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).</p>
Cryptochiridae						
<i>Kroppcarcinus siderastreicola</i> Badaro, Neves, Castro & Johnsson, 2012	Desconhecido	DD		2013	2014	<p><i>Kroppcarcinus siderastreicola</i> é uma espécie endêmica do Brasil, sendo conhecida apenas por duas localidades, Praia de Guarajuba e Praia do Forte (Bahia) em águas rasas. É uma espécie dependente de exemplares vivos do coral <i>Siderastrea stellata</i> para manutenção de sua população. Atualmente este coral encontra-se ameaçado por atividades de mineração, turismo desordenado,</p>



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						destruição dos recifes de coral, espécies invasoras, abalroamento por embarcações, doenças e poluição, o que compromete o estado de conservação de <i>K. siderastreicola</i> . No entanto, como se trata de uma espécie recém descrita, não há informações sobre sua real distribuição e dimensão do impacto sobre a população. Portanto, <i>Kroppcarcinus siderastreicola</i> foi categorizada como Dados Insuficientes (DD).
<i>Opecarcinus hypostegus</i> (Shaw & Hopkins, 1977)	Desconhecido	DD		2013	2014	<i>Opecarcinus hypostegus</i> é uma espécie distribuída no Atlântico Ocidental no Golfo do México e Atlântico Sul no Brasil, desde águas rasas até por volta de 30 m de profundidade. No Brasil foi registrada no Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas e São Paulo. É uma espécie que vive exclusivamente na superfície de exemplares vivos de corais, como <i>Siderastrea stellata</i> , <i>Mussismilia hispida</i> e <i>Agaricia agaricites</i> . Atualmente alguns destes corais encontram-se ameaçados por atividades de mineração, turismo desordenado, destruição dos recifes de coral, espécies invasoras, abalroamento por embarcações, doenças e poluição, no entanto, não está clara a dimensão do impacto sobre a população. Portanto, <i>Opecarcinus hypostegus</i> foi categorizada como Dados Insuficientes (DD).
<i>Troglocarcinus corallicola</i> Verrill, 1908	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Troglocarcinus corallicola</i> é uma espécie amplamente distribuída no Atlântico. No Atlântico Ocidental ocorre dos Estados Unidos até o Brasil, desde águas rasas até 75 m de profundidade. No litoral brasileiro foi registrada desde o Maranhão até São Paulo e ilhas oceânicas. Apesar de ser dependente de exemplares vivos de corais, é uma espécie generalista, cujos efeitos das ameaças identificadas, atualmente não colocam a espécie em risco de extinção. Portanto, <i>Troglocarcinus corallicola</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
Enoplometopidae						
<i>Enoplometopus antillensis</i> Lütken, 1865	Lagosta-palhaço	DD		2013	2014	<i>Enoplometopus antillensis</i> é encontrada no Oceano Atlântico, nas porções leste, central e ocidental. No Brasil, do Ceará ao sul de Cabo Frio (RJ), incluindo também Atol das Rocas e Fernando de Noronha. Habita águas rasas



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						(principalmente entre 3 – 15 m) e recifes de coral. A espécie é intensamente capturada para fins de aquariofilia, alcançando alto valor no mercado internacional. Entretanto, não há informações disponíveis sobre o nível deste impacto sobre a espécie. Desta forma, a espécie foi categorizada Dados Insuficientes (DD).
Euryrhynchidae						
<i>Euryrhynchus amazoniensis</i> Tiefenbacher, 1978	Camarão de água doce	LC		2013	2014	A espécie <i>Euryrhynchus amazoniensis</i> ocorre no Brasil em sistemas de águas brancas, pretas e claras no Amapá, Amazonas e Pará. Apresenta ampla distribuição, inclusive em outros países da América do Sul, sendo relativamente abundante onde ocorre. Não são conhecidas ameaças sobre a espécie. A espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Euryrhynchus burchelli</i> Calman, 1907	Desconhecido	LC		2013	2014	A espécie, ocorre no Brasil em sistemas de águas pretas e claras no Amapá, Amazonas e Pará. Apresenta ampla distribuição sendo relativamente abundante onde ocorre. Não são conhecidas ameaças sobre a espécie. A espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Euryrhynchus wrzesniowskii</i> Miers, 1877	Desconhecido	LC		2013	2014	A espécie <i>Euryrhynchus wrzesniowskii</i> ocorre no Brasil em sistemas de águas pretas e claras no Amapá, Amazonas e Pará. Apresenta ampla distribuição, inclusive em outros países da América do Sul. Não são conhecidas ameaças sobre a espécie. A espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
Gecarcinidae						
<i>Cardisoma guanhumí</i> Latreille, 1828	Guaiamum	CR	A4bcd	2010	2012	O guaiamum (<i>Cardisoma guanhumí</i>) é o maior braquiúro endêmico de áreas de manguezal/restinga do Brasil. Por estes motivos, trata-se de espécie economicamente importante, sendo capturada por pescadores artesanais. Apresenta crescimento lento, vivendo em “apicuns”, que são áreas de manguezal extremamente sensíveis à intervenção humana. Foi observada uma redução de 88% na produção comercial entre 1994 e 2007, que reflete em uma redução populacional da espécie. Considerando que as ameaças persistem



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						(captura, perda e alteração de habitat), suspeita-se um declínio de pelo menos 88% ao longo de três gerações (22 anos) a partir de 1994.
<i>Johngarthia lagostoma</i> (H. Milne Edwards, 1837)	Caranguejo-amarelo	EN	B1ab(iii)	2010	2012	Espécie endêmica de ilhas oceânicas, sendo encontrada, no Brasil, nos Arquipélagos de Fernando de Noronha, Atol das Rocas e Trindade e Martim Vaz. A espécie sofre ameaça principalmente pela introdução de espécies exóticas em Fernando de Noronha e Trindade. Algumas destas espécies, principalmente as domésticas, interferem diretamente nas populações do caranguejo, predando-os. Há uma evidente redução na área de ocupação da espécie em Fernando de Noronha devido à urbanização crescente. Considerando que a área das ilhas é menor que 5.000 km ² , que a espécie apresenta menos de 5 localizações, considerando a ameaça das espécies invasoras nas ilhas, e que existe redução da área e qualidade do habitat, a espécie é categorizada Em Perigo (EN), critério B1ab(iii).
Geryonidae						
<i>Chaceon linsi</i> Tavares & Pinheiro, 2011	Caranguejo-dourado	LC		2013	2014	<i>Chaceon linsi</i> é uma espécie endêmica registrada no Ceará e Rio Grande do Norte que habita grandes profundidades (provavelmente entre as isóbatas de 400 e 900 m). Houve uma pesca direcionada à espécie entre os anos de 2003 e 2007 que foi abandonada devido às dificuldades operacionais e problemas de mercado. Embora se suponha que seja uma espécie de crescimento lento e elevada longevidade, não foram identificadas ameaças significativas. Portanto, <i>Chaceon linsi</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Chaceon notialis</i> Manning & Holthuis, 1989	Caranguejo-vermelho	LC		2013	2014	<i>Chaceon notialis</i> se distribui do Rio Grande do Sul à Argentina, sendo registrado em profundidades entre 120 e 1.000 m. No Brasil a extensão de ocorrência da espécie totaliza cerca 30.000 km ² , sendo parte do total característico, com áreas ocorrendo no Uruguai e Argentina. Houve uma pesca dirigida à espécie no Brasil, encerrada em 2012, que propiciou declínio de 40% da biomassa ao estoque existente no sul do país. Considerando que atualmente a espécie não é capturada no Brasil e que a maior parcela dessa população ocorre



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						na Argentina e Uruguai, onde se mantém a captura, tal ameaça não é evidente. Portanto, <i>Chaceon notialis</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Chaceon ramosae</i> Tavares & Albuquerque, 1989	Caranguejo- real	NT		2013	2014	<i>Chaceon ramosae</i> é uma espécie endêmica do Brasil, distribuindo-se da Bahia ao Rio Grande do Sul, em profundidades entre 300 e 1.100 m. Supõe-se que seja uma espécie com crescimento lento, maturação tardia, reprodução bi-anual e elevada longevidade. Houve uma pesca dirigida à espécie no Brasil que se encerrou em 2006. Por meio de um método de avaliação absoluta de biomassa derivado de dados de pesca (d), foi observado um declínio de abundância de 52 a 56% na área sul (25oS e 31oS) do estoque entre 2000 e 2005 (fase não manejada da pescaria). Uma outra avaliação realizada por índices de abundância relativa (b), estimou queda de 27% na área sudeste (18oS e 25oS). Ponderando-se estas duas avaliações e considerando que a espécie ainda é capturada incidentalmente por outras pescarias, infere-se um declínio no tamanho populacional não muito distante de 50%. A partir de 2005, a pescaria passou a ser regulamentada e, em 2008, foram implementadas novas medidas considerando o cenário de queda de biomassa. Considerando que em três gerações (45 anos) o declínio calculado de acordo com as diferenças de exploração nas áreas sul e sudeste foi próximo de 50% e que a área de distribuição batimétrica e latitudinal é maior que a área de atuação da frota, <i>Chaceon ramosae</i> foi categorizada como Quase Ameaçada (NT), aproximando-se da categoria Vulnerável (VU), pelos critérios A1bd.
Grapsidae						
<i>Goniopsis cruentata</i> (Latreille, 1803)	Maria-mulata	LC		2010	2012	<i>Goniopsis cruentata</i> apresenta ampla distribuição, ocorrendo principalmente no ecossistema manguezal e com registros, em menores abundâncias, em alguns costões rochosos e planícies lamosas associadas a sistemas estuarinos. As ameaças influenciando esta espécie são relacionadas à redução e qualidade dos manguezais, embora não existam sinais de redução populacional.
<i>Pachygrapsus gracilis</i>	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Pachygrapsus gracilis</i> distribui no Atlântico Ocidental, do Golfo do México



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

(Saussure, 1858)						(Texas), Caribe, Guiana Francesa, Brasil (do Pará ao Rio Grande do Sul), e Argentina. No Atlântico oriental, do Senegal até a Angola. Espécie amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo em substrato consolidado ou não, áreas rochosas, zona intertidal, pilares de docas, ocasionalmente entre raízes de mangues, estuários e praias arenosas. É uma espécie abundante e sem ameaças significativas. Portanto, a espécie foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
Hyppolytidae						
<i>Exhippolysmata oplophoroides</i> (Holthuis, 1948)	Camarão- espinho	DD		2013	2014	<i>Exhippolysmata oplophoroides</i> é uma espécie amplamente distribuída no Atlântico Ocidental dos Estados Unidos até o Uruguai, ocorrendo desde águas rasas até 45 m de profundidade em fundos de lodo e areia. No litoral brasileiro há registros do Amapá ao Rio Grande do Sul. A espécie é capturada ao longo de sua distribuição, como fauna acompanhante na pesca do arrasto de camarões, sendo descartada por não apresentar interesse comercial, devido ao seu pequeno tamanho e biomassa. Da mesma forma que outros camarões, sua fragilidade estrutural impede que, após arrastados, sejam devolvidos ao mar ainda vivos. Embora existam indícios de declínio populacional em algumas áreas de pesca, as informações disponíveis não são suficientes para quantificá-lo em toda a extensão de ocorrência da espécie. Portanto, <i>E. oplophoroides</i> foi avaliada como Dados Insuficientes (DD).
Inachoididae						
<i>Stenorhynchus seticornis</i> (Herbst, 1788)	Caranguejo- aranha	LC		2013	2014	<i>Stenorhynchus seticornis</i> distribui-se no Atlântico Ocidental se distribui da Carolina do Norte, Flórida, Golfo do México, Antilhas, Colômbia, Venezuela, Guianas, Brasil (Amapá até Rio Grande do Sul, incluindo bancos da Cadeia Norte), Uruguai e Argentina. Habita o infralitoral rochoso ao longo da costa brasileira, zona do entremarés até 135 m. A espécie é onívora e de hábitos noturnos. É explorada intensamente para fins de aquarofilia no Brasil. Entretanto, sua reprodução contínua com elevado percentual mensal de fêmeas ovígeras, e desenvolvimento larval constituído de apenas três fases larvais,



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						tornam esse impacto menos relevante. Desta forma a espécie foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
Nephropidae						
<i>Acanthacaris caeca</i> (A. Milne-Edwards, 1881)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Acanthacaris caeca</i> ocorre no Atlântico Ocidental, do Golfo do México ao Brasil, onde é conhecida de apenas dois registros, um no Amapá e um na Bahia, em profundidades entre 293 e 878 m. Essa distribuição possivelmente é mais ampla, uma vez que o esforço amostral na região é pequeno, e que no Caribe é aparentemente abundante. No entanto, não foram identificadas ameaças que possam colocar a espécie em risco de extinção atualmente. Portanto, <i>A. caeca</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Metanephrops rubellus</i> (Moreira, 1903)	Lagostim	LC		2013	2014	<i>Metanephrops rubellus</i> ocorre no Atlântico Ocidental, desde o Espírito Santo até a Argentina, ocupando águas entre 50-270 m de profundidade. É uma espécie estenotérmica fria e estenohalina, exigente em relação as condições das massas de água. A maior ameaça identificada para <i>M. rubellus</i> é a pesca de arrasto, que não foi considerada como uma ameaça significativa que possa levar a espécie à extinção. Portanto, <i>Metanephrops rubellus</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Nephropsis aculeata</i> Smith, 1881	Lagostim	LC		2013	2014	<i>Nephropsis aculeata</i> tem ampla distribuição ao longo do Atlântico Ocidental, ocorrendo de Massachusetts até a Flórida, Golfo do México, Caribe e Brasil. No litoral brasileiro existem registros no Pará e do Espírito Santo a Santa Catarina, sendo encontrada em profundidades de 130 a 830 m em substrato de lama ou areia fina. A espécie é ocasionalmente capturada na pesca comercial de arrasto, sendo descartada, mas isso não representa uma ameaça significativa à espécie e, portanto, <i>Nephropsis aculeata</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Nephropsis agassizii</i> A. Milne-Edwards, 1880	Lagostim	LC		2013	2014	<i>Nephropsis agassizii</i> tem ampla distribuição ao longo do Atlântico Ocidental, ocorrendo nas Bahamas, Golfo do México, Caribe e Brasil. No litoral brasileiro existem registros da Bahia a São Paulo, sendo encontrada em profundidades de 880 a 2900 m em substrato de lama ou areia fina. A espécie não é pescada no



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						país, não sendo identificadas ameaças significativas. Portanto <i>Nephropsis agassizii</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Nephropsis rosea</i> Bate, 1888	Lagostim	LC		2013	2014	<i>Nephropsis rosea</i> tem ampla distribuição ao longo do Atlântico Ocidental, ocorrendo nas Bahamas, Golfo do México, Caribe e Brasil. No litoral brasileiro existem registros no Amapá, da Bahia a São Paulo e Santa Catarina, sendo encontrada em profundidades de 420 a 1.260 m em substrato de lama ou areia fina. A espécie não é pescada no país, não sendo identificadas ameaças significativas. Portanto <i>Nephropsis rosea</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
Ocypodidae						
<i>Uca burgersi</i> Holthuis, 1967	Chama-maré	LC		2013	2014	<i>Uca burgersi</i> é uma espécie estuarina de substratos lodosos e areno-lodosos não vegetados, restrita a áreas de manguezal, amplamente distribuída no Atlântico Ocidental desde os Estados Unidos até o Brasil (do Maranhão à Santa Catarina). Apesar dos manguezais estarem sujeitos à forte pressão antrópica, com perda da qualidade do habitat, inclusive com registros de extinções locais por supressão de áreas, não há indícios de grandes declínios populacionais no período de 10 anos (superior a três gerações) para <i>Uca burgersi</i> . A espécie tem ciclo de vida curto, é abundante e não é explorada comercialmente. É importante destacar, também, que 86% das áreas de manguezal no Brasil se concentram no Norte e Nordeste, que incluem os sistemas estuarinos melhor conservados. Portanto, <i>Uca burgersi</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Uca cumulanta</i> Crane, 1943	Chama-maré	LC		2013	2014	<i>Uca cumulanta</i> é uma espécie estuarina de bancos abrigados e margens de lodo ou lama arenosa perto de manguezais, amplamente distribuída no Atlântico Ocidental desde a América Central até o Brasil (do Pará ao Rio de Janeiro). Apesar dos manguezais estarem sujeitos à forte pressão antrópica, com perda da qualidade do habitat, não há indícios de grandes declínios populacionais no período de 10 anos (superior a três gerações) para <i>Uca cumulanta</i> . É explorada inadequadamente para fins de aquarofilia. A espécie tem ciclo de vida curto e é abundante em manguezais conservados. É importante destacar, também, que



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						86% das áreas de manguezal no Brasil se concentram no Norte e Nordeste, que detêm os sistemas estuarinos melhor conservados. Portanto, <i>Uca cumulanta</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Uca leptodactyla</i> Rathbun, 1898	Chama-maré	LC		2013	2014	<i>Uca leptodactyla</i> é uma espécie estuarina de substratos arenosos vegetados e não vegetados, restrita a áreas de manguezal, amplamente distribuída no Atlântico Ocidental desde a Flórida (Estados Unidos) até o Brasil (do Maranhão à Santa Catarina). Apesar dos manguezais estarem sujeitos à forte pressão antrópica, com perda da qualidade do habitat, inclusive com registros de extinções locais por supressão de áreas, não há indícios de grandes declínios populacionais no período de 10 anos (superior a três gerações) para <i>Uca leptodactyla</i> , pois, é uma das espécies mais abundantes em manguezais conservados. A espécie tem ciclo de vida curto e não é explorada comercialmente. É importante destacar, também, que 59,87% das áreas de manguezal no Brasil se concentram no Nordeste, onde os sistemas estuarinos estão melhor conservados. Portanto, <i>Uca leptodactyla</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Uca maracoani</i> (Latreille, 1802-1803)	Chama-maré	LC		2013	2014	<i>Uca maracoani</i> é uma espécie estuarina de substratos argilosos não vegetados, restrita a áreas de manguezal, amplamente distribuída no Atlântico Ocidental, das Antilhas até o Brasil (do Amapá até Santa Catarina). Apesar dos manguezais estarem sujeitos à forte pressão antrópica, com perda da qualidade do habitat, inclusive com registro de extinções locais por supressão de áreas, não há indícios de grandes declínios populacionais no período de 10 anos (superior a três gerações) para <i>Uca maracoani</i> . A espécie tem ciclo de vida curto, é relativamente abundante em manguezais conservados e não é explorada comercialmente. É importante destacar, também, que 86% das áreas de manguezal no Brasil se concentram no Norte e Nordeste, onde se encontram os sistemas estuarinos melhor conservados. Portanto, <i>Uca maracoani</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Uca mordax</i> (Smith, 1870)	Chama-maré	LC		2013	2014	<i>Uca mordax</i> é uma espécie restrita à margem de rios dominada por florestas de restinga contíguas a sistemas estuarinos. É amplamente distribuída no Atlântico Ocidental, do Golfo do México até o Brasil (do Pará ao Rio Grande do Sul). Apesar das restingas estarem sujeitas à forte pressão antrópica, com perda da qualidade do habitat, inclusive com registros de extinções locais por supressão de áreas, não há indícios de grandes declínios populacionais no período de 10 anos (superior a três gerações) para <i>Uca mordax</i> . A espécie tem ciclo de vida curto, é muito abundante em restingas conservadas e não é explorada comercialmente. Portanto, <i>Uca mordax</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Uca rapax</i> (Smith, 1870)	Chama-maré	LC		2013	2014	<i>Uca rapax</i> é uma espécie amplamente distribuída no Atlântico Ocidental desde a Flórida (Estados Unidos) até o Brasil (do Pará à Santa Catarina). Trata-se de espécie eurihalina, que habita substratos areno-lodosos vegetados e não vegetados restritos a áreas de manguezal. Apesar dos manguezais estarem sujeitos à forte pressão antrópica, com perda da qualidade do habitat, inclusive com registros de extinções locais por supressão de áreas, não há indícios de grandes declínios populacionais no período de 10 anos (superior a três gerações) para <i>Uca rapax</i> . É explorada ilegalmente para fins de aquariofilia, contudo esta não foi considerada uma ameaça significativa. A espécie tem ciclo de vida curto e é abundante em manguezais. Portanto, <i>Uca rapax</i> foi categorizada com Menos Preocupante (LC).
<i>Uca thayeri</i> Rathbun, 1900	Chama-maré	LC		2013	2014	<i>Uca thayeri</i> é uma espécie estuarina eurihalina amplamente distribuída no Atlântico Ocidental, da Flórida (Estados Unidos) até o Brasil (do Maranhão à Santa Catarina). Habita preferencialmente solos sombreados no interior de manguezais. Apesar desse ecossistema estar sujeito à forte pressão antrópica, com perda da qualidade do habitat, inclusive com registros de extinções locais



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						por supressão de áreas, não há indícios de grandes declínios populacionais no período de 10 anos (superior a três gerações) para <i>Uca thayeri</i> . A espécie tem ciclo de vida curto, é relativamente abundante em manguezais conservados e não é explorada comercialmente. É importante destacar, também, que 86% das áreas de manguezal no Brasil se concentram no Norte e Nordeste, que detêm os sistemas estuarinos melhor conservados. Portanto, <i>Uca thayeri</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Uca uruguayensis</i> Nobili, 1901	Chama-maré	NT		2010	2012	As áreas de manguezais em que a espécie ocorre (entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul) estão sujeitas à forte pressão antrópica, sendo que grande parte delas são circunvizinhos à médias e grandes cidades e o estado de conservação dos mesmos é inferior, comparando-se à outras áreas das regiões nordeste e norte do Brasil. Desta forma supõe-se que a extensão de ocorrência desta espécie é inferior a 5.000km ² , somando a área dos mangues, mais as áreas de marismas. Assim, atende ao critério B1b(iii), mas a população não encontra-se severamente fragmentada, não há um pequeno número de localizações e nem flutuações extremas, de modo que a espécie não pode ser categorizada como Em perigo (EN). Desta forma, a espécie foi considerada como Quase ameaçada (NT), sendo quase atendido o critério B1.
<i>Uca victoriana</i> Von Hagen, 1987	Chama-maré	NT		2013	2014	<i>Uca victoriana</i> é uma espécie estuarina endêmica do Brasil, ocorrendo de Pernambuco ao Rio de Janeiro. Habita manguezais com substratos preferencialmente lodosos não vegetados. A extensão de ocorrência da espécie inferida foi menor que 5.000 km ² , que enquadraria a espécie como Em Perigo (EN) pelo critério B1. O ecossistema manguezal está sujeito à forte pressão antrópica (principalmente aterro e poluição), ou seja, existe um declínio continuado da qualidade de habitat para a espécie (item b(iii)). Contudo, os outros subcritérios necessários para enquadrar a espécie em alguma categoria de ameaça não foram atingidos. Portanto, <i>Uca victoriana</i> foi categorizada como Quase Ameaçada (NT).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Uca vocator</i> (Herbst, 1804)	Chama-maré	LC		2010	2012	Espécies do gênero <i>Uca</i> são comuns nos estuários brasileiros, contudo, pouco se sabe sobre <i>Uca vocator</i> . Apesar dos estuários estarem sujeitos à forte pressão antrópica, com declínio da qualidade do habitat, a população da espécie não é severamente fragmentada, não há poucas localizações nem flutuações extremas. Desta forma, <i>U. vocator</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
Palaemonidae						
<i>Cryphiops brasiliensis</i> Gomes Corrêa, 1973	Desconhecido	DD		2010	2012	O estado de conservação de <i>Cryphiops brasiliensis</i> foi avaliado de acordo com os critérios da IUCN (2001), com base nas poucas informações disponíveis. A espécie é endêmica de uma área restrita no Distrito Federal e é dificilmente encontrada. Pouco se conhece sobre sua biologia. Entretanto, pode estar ameaçada, tendo em vista o endemismo e a forte pressão antrópica na região de ocorrência, que apresenta sinais de poluição e desmatamento.
<i>Leander paulensis</i> Ortmann, 1897	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Leander paulensis</i> se distribui no Atlântico Ocidental, Flórida, Antilhas e Brasil (Atol das Rocas, Maranhão até Santa Catarina). Habita águas marinhas, do entremarés até 16 m, em fundos de areia, em pradarias de algas moles e fanerógamas marinhas, ocorrendo também em estuários. Não foram identificadas ameaças específicas. Desta forma, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Macrobrachium acanthurus</i> (Wiegmann, 1836)	Camarão-canela	DD		2010	2012	<i>Macrobrachium acanthurus</i> apresenta ampla distribuição e é abundante nos rios em que ocorre, apresentando subpopulações com grande número de indivíduos. Há indícios de declínio populacional em algumas regiões do nordeste e do estado do Rio de Janeiro. Entre os camarões do gênero <i>Macrobrachium</i> , <i>M. acanthurus</i> destaca-se pelo alto potencial para exploração em escala comercial e também pelo extrativismo por comunidades ribeirinhas. Além disso, a espécie está ameaçada pela poluição e modificação dos rios, supressão das matas ciliares, despejo de esgoto, lixo e agrotóxicos em estuários e ambientes de água doce. Contudo, os dados da literatura ainda são insuficientes para uma melhor



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						diagnose do estado de conservação e dos efeitos das ameaças sobre a espécie em um escopo Nacional. Desta forma, a espécie foi categorizada como Dados Insuficientes (DD).
<i>Macrobrachium amazonicum</i> (Heller, 1862)	Camarão-canela	LC		2013	2014	<i>Macrobrachium amazonicum</i> é uma espécie abundante e amplamente distribuída, em parte decorrente da introdução para aquicultura ou como espécie forrageira para piscicultura extensiva em reservatórios. Embora possa estar próximo ao limiar da sobre-pesca em alguns locais, não há evidência de ameaças significativas ao longo de toda sua distribuição. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Macrobrachium borelli</i> (Nobili, 1896)	Desconhecido	LC		2013	2014	A espécie <i>Macrobrachium borelli</i> ocorre, no Brasil, apenas na porção sul do Rio Grande do Sul, em região afetada por poluição e alterações de habitat, principalmente pela agricultura intensiva. Apesar disso, por ser uma ameaça difusa ao longo da distribuição da espécie, cuja população não está severamente fragmentada, tais ameaças não poderiam causar uma redução populacional significativa. Por este motivo, a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Macrobrachium brasiliense</i> (Heller, 1862)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Macrobrachium brasiliense</i> é uma espécie abundante e amplamente distribuída, inclusive em outros países sul americanos. Não há evidência de ameaças significativas ao longo de toda sua distribuição. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Macrobrachium carcinus</i> (Linnaeus, 1758)	Pitu	DD		2010	2012	Entre os camarões do gênero <i>Macrobrachium</i> , essa espécie destaca-se pelo alto potencial para exploração em escala comercial e possui grande importância para as populações ribeirinhas locais, particularmente nas regiões do Nordeste. Há registros de pesca excessiva, indícios de redução populacional e evidência de redução na área de ocorrência da espécie. Entretanto, não há estimativas populacionais que quantifiquem a redução populacional, motivando a categorização da espécie como Dados Insuficientes (DD).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Macrobrachium denticulatum</i> Ostrovski, Fonseca & Silva-Ferreira, 1996	Pitu	DD		2010	2012	Espécie endêmica da bacia do Rio São Francisco. Há indicações de que a espécie é naturalmente pouco abundante, tendo sido registrada poucas vezes em campo. No entanto, não há informação sobre sua tendência populacional. Está sujeita a forte pressão antrópica devido ao despejo de poluentes e retirada de mata ciliar por loteamentos irregulares, especialmente em áreas pós-nascente do Rio São Francisco.
<i>Macrobrachium ferreirai</i> Kensley & Walker, 1982	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Macrobrachium ferreirai</i> é uma espécie abundante e amplamente distribuída na Amazônia ocidental, não há evidência de ameaças significativas ao longo de toda sua distribuição. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Macrobrachium heterochirus</i> (Wiegmann, 1836)	Pitu	LC		2010	2012	<i>Macrobrachium heterochirus</i> possui ampla distribuição geográfica no Brasil. Embora seja naturalmente pouco abundante, não são conhecidas ameaças significativas.
<i>Macrobrachium iheringi</i> (Ortemann, 1897)	Pitu	LC		2010	2012	<i>Macrobrachium iheringi</i> é endêmica do Brasil, onde tem distribuição ampla. Embora a escassez de estudos relacionados à biologia dessa espécie dificulte uma diagnose do estado de conservação da espécie em escopo Nacional, não há indícios de ameaças significativas. Portanto, foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Macrobrachium inpa</i> Kensley & Walker, 1982	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Macrobrachium inpa</i> é uma espécie abundante e distribuída na bacia do baixo rio Negro nos estados do Amazonas e Roraima, não há evidência de ameaças significativas ao longo de toda sua distribuição. Ocorre em Unidades de Conservação Ambiental. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Macrobrachium jelskii</i> (Miers, 1877)	Camarão-sossego	LC		2010	2012	<i>Macrobrachium jelskii</i> é amplamente distribuída e abundante. Apesar de não existirem informações sobre sua tendência populacional, não há ameaças significativas.



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Macrobrachium nattereri</i> (Heller, 1862)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Macrobrachium nattereri</i> é uma espécie abundante e amplamente distribuída na Amazônia, não há evidência de ameaças ao longo de toda sua distribuição. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Macrobrachium olfersii</i> (Wiegmann, 1836)	Pitu	LC		2010	2012	<i>Macrobrachium olfersii</i> possui distribuição ampla no Brasil e é abundante. Apesar de ter sido avaliada como ameaçada no Espírito Santo, principalmente pela pressão antrópica de seus habitats, especialmente as regiões de estuário e manguezais (vitais para a reprodução da espécie), não há indícios de declínio populacional considerando a população do Brasil.
<i>Macrobrachium potiuna</i> (Müller, 1880)	Camarão-preto	LC		2010	2012	<i>Macrobrachium potiuna</i> foi incluída na categoria Menos Preocupante (LC) por ser amplamente distribuída e abundante no Brasil e sua população encontrar-se em uma situação estável e sem ameaças relevantes.
<i>Macrobrachium surinamicum</i> Holthuis, 1948	Mãe-do-camarão	LC		2013	2014	<i>Macrobrachium surinamicum</i> é uma espécie abundante e bem distribuída na região do baixo Amazonas, baixo Tocantins e rios costeiros do Pará e Maranhão, não há evidência de ameaças significativas ao longo de toda sua distribuição. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Nematopalaemon schmitti</i> (Holthuis, 1950)	Barriga-branca	LC		2013	2014	<i>Nematopalaemon schmitti</i> se distribui no Atlântico Ocidental, Venezuela, na Guiana, Suriname, Guiana Francesa até o Brasil (do Amapá até Rio Grande do Sul). Habita águas marinhas e estuarinas, em substratos variados como areia, lodo e cascalho, em profundidades de 5 até 75 metros. A espécie é capturada no sudeste e sul, como fauna acompanhante na pesca do arrasto de camarões, sendo descartada por não apresentar interesse comercial, devido ao seu pequeno tamanho e baixa biomassa. Da mesma forma que outros camarões, sua fragilidade estrutural impede que, após arrastados, sejam devolvidos ao mar ainda vivos. Embora a espécie seja capturada incidentalmente como fauna acompanhante na pesca de camarão, não há indício de que esta ameaça seja significativa.. Portanto, <i>N. schmitti</i> foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Palaemon northropi</i> (Rankin, 1898)	Potitinga	LC		2013	2014	<i>Palaemon northropi</i> é uma espécie amplamente distribuída no Atlântico Ocidental, desde as Bermudas até o Uruguai, ocorrendo nas áreas mais salinas



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						do infralitoral raso e entre-marés. No Brasil se distribui desde o Ceará até Santa Catarina, estando restrita aos ambientes estuarinos com fundos vegetados (gramíneas) ou em poças de maré, onde a espécie ocorre em baixas densidades. Embora seja conhecida certa degradação nos ambientes que ocupa, não significativa para a espécie em questão, sua ampla distribuição geográfica permite com que seja categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Palaemon pandaliformes</i> (Stimpson, 1871)	Potitinga	LC		2010	2012	O estado de conservação do camarão <i>Palaemon pandaliformis</i> foi avaliado de acordo com os critérios da IUCN (2001), com base nos dados publicados sobre a espécie no território brasileiro. Possui distribuição ampla no Brasil e apesar de existirem poucos estudos sobre a espécie, as publicações disponíveis indicam que é abundante. Não foram identificadas ameaças significativas sobre a espécie.
<i>Palaemonetes argentinus</i> Nobili, 1901	Camarão-fantasma-argentino	LC		2013	2014	<i>Palaemonetes argentinus</i> é uma espécie abundante e amplamente distribuída nas bacias costeiras da região Sul do Brasil. As ameaças encontradas ao longo de sua distribuição não foram consideradas significativas. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Palaemonetes carteri</i> Gordon, 1935	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Palaemonetes carteri</i> é uma espécie abundante e amplamente distribuída nas bacias amazônicas, sem evidência de ameaças ao longo de toda sua distribuição. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Palaemonetes ivonicus</i> Holthuis, 1950	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Palaemonetes ivonicus</i> é uma espécie abundante e amplamente distribuída nas bacias amazônicas e do rio Paraguai, sem evidência de ameaças ao longo de sua distribuição. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Palaemonetes mercedae</i> Pereira, 1986	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Palaemonetes mercedae</i> é uma espécie bem distribuída na bacia amazônica, sem evidência de ameaças ao longo de sua distribuição. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Pseudopalaemon amazonensis</i> Ramos-Porto, 1979	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Pseudopalaemon amazonensis</i> é uma espécie bem distribuída na bacia amazônica, sem evidências de ameaças ao longo de toda sua distribuição. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Pseudopalaemon bouvieri</i> Sollaud, 1911	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Pseudopalaemon bouvieri</i> ocorre, no Brasil, apenas na porção meridional do Rio Grande do Sul, em região afetada por poluição e alterações de habitat, causadas pela agricultura intensiva. Não existem estudos que permitam avaliar a tendência populacional. Por tais motivos, a espécie foi avaliada como sendo Dados Insuficientes (DD).
<i>Pseudopalaemon chryseus</i> Kensley & Walker, 1982	Desconhecido	DD		2013	2014	<i>Pseudopalaemon chryseus</i> é uma espécie bem distribuída na bacia amazônica, sem evidências de ameaças ao longo de toda sua distribuição. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Pseudopalaemon gouldingi</i> Kensley & Walker, 1982	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Pseudopalaemon gouldingi</i> é uma espécie bem distribuída na bacia do rio Negro, sem evidências de ameaças ao longo de toda sua distribuição. Portanto a espécie foi avaliada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Pseudopalaemon nigramnis</i> Kensley & Walker, 1982	Desconhecido	LC		2013	2014	A espécie <i>Pseudopalaemon nigramnis</i> ocorre no sistema de águas pretas da bacia do alto Rio Negro, onde não são conhecidas ameaças à espécie, permitindo que ela seja avaliada como Menos Preocupante (LC).
Palinuridae						
<i>Justitia longimanus</i> (Milne Edwards, 1837)	Lagosta	LC		2010	2012	Considerando que a espécie <i>Justitia longimanus</i> não possui interesse comercial na costa brasileira e é amplamente distribuída, foi avaliada como Menos Preocupante (LC). Já na avaliação global, apesar da ampla distribuição, foi considerada como Dados Insuficientes (DD), pois existem poucas informações sobre os volumes de captura e, conseqüentemente, tendências populacionais (Chan <i>et al.</i> , 2011).
<i>Palinurellus gundlachi</i> von Martens, 1878	Lagosta	LC		2013	2014	<i>Palinurellus gundlachi</i> tem ampla distribuição ao longo do Atlântico Ocidental, ocorrendo desde Bermuda até o Caribe e Brasil. No litoral brasileiro existem



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						registros no Atol das Rocas, e do Ceará ao Espírito Santo, sendo encontrada em profundidades de 1,5 a 35 m em locais de difícil acesso entre rochas e corais. A espécie é capturada ocasionalmente na pesca da lagosta e de camarões peneídeos, e está sujeita aos impactos associados a ambientes costeiros, mas isso não representa uma ameaça significativa à espécie e, portanto, <i>Palinurellus gundlachi</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Palinustus truncatus</i> A. Milne-Edwards, 1880	Lagosta	LC		2013	2014	<i>Palinustus truncatus</i> é uma espécie distribuída no Atlântico Ocidental nas Antilhas, Venezuela, Suriname e Brasil (Amapá e Pará) em profundidades de 100 a 1.000 m. Não foram identificadas ameaças significativas, visto que se trata de uma espécie sem interesse comercial. Portanto, <i>Palinustus truncatus</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Panulirus argus</i> (Herbst, 1904)	Lagosta-vermelha	NT		2010	2012	O tempo geracional de <i>Panulirus argus</i> foi calculado em 21 anos e, portanto, o período de análise deve ser de aproximadamente 60 anos (3 gerações). Considerando que a pescaria da espécie estava em processo de consolidação antes de 1970, a análise foi feita com base em dados dos últimos 40 anos, quando, em um panorama geral do período, a produção mostra-se decrescente, sendo isso considerado para <i>P. argus</i> e <i>P. laevicauda</i> , visto que os dados de desembarque pesqueiro não são específicos. A produção passou de aproximadamente 8000 t em 1970 para 6.000 t na última década (Fonteles-Filho <i>et al.</i> , 1988; IBAMA, 1993; Brasil, 2008). Ocorreu, portanto, uma redução de quase 30% na produção pesqueira, embora tenha ocorrido a exploração de novas áreas, com o esforço de pesca aumentando de uma média de 26,6 milhões de covos/dia entre 1972 e 1981, para 126,93 milhões de covos/dia em 2002 (Brasil, 2008). Contudo, nos últimos anos o aumento do esforço de pesca não resultou em crescimento proporcional da captura, o que sugere a redução da abundância.



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						Desta forma, infere-se que a população tenha reduzido quase 30% nos últimos 40 anos e considerando que a causa não cessou, projeta-se igual redução para os próximos 20 anos, sendo quase atingindo o critério A4bd. Portanto, de acordo com os critérios adotados, <i>P. argus</i> está Quase Ameaçada (NT).
<i>Panulirus echinatus</i> Smith, 1869		DD		2010	2012	No Brasil, a espécie é encontrada desde o Ceará até o Rio de Janeiro. A principal ameaça para essa espécie é a sobrepesca, observada em alguns locais no Brasil. A pesca dirigida é restrita a poucas localidades dentro da extensão da ocorrência e é provável que esteja havendo um incremento nas capturas. No nordeste esta espécie tem sido capturada em grandes quantidades. Embora possa ser considerada sobreexplorada em algumas localidades, não há dados estatísticos de desembarque específico na maior parte de sua distribuição ou informações sobre o estado da população. Considerando estas incertezas, <i>Panulirus echinatus</i> foi categorizada como Dados Insuficientes (DD).
<i>Panulirus laevicauda</i> (Latreille, 1817)	Lagosta-verde	NT		2010	2012	O tempo geracional de <i>Panulirus laevicauda</i> foi calculado em 18 anos, sendo assim, o período de análise é de aproximadamente 55 anos (3 gerações). Contudo, a pescaria estava em processo de consolidação antes de 1970 e por isso a análise foi feita com base em dados dos últimos 40 anos (1970-2010). Neste período, embora os dados de desembarque pesqueiro considerem a pesca de lagosta somando <i>P. argus</i> e <i>P. laevicauda</i> , a produção foi decrescente, sendo isso considerado para ambas as espécies. A produção passou de aproximadamente 8000 t em 1970 para 6.000 t na última década (Fonteles-Filho <i>et al.</i> , 1988; IBAMA, 1993; Brasil, 2008). Ocorreu, portanto, uma redução de quase 30% na produção pesqueira, embora tenha ocorrido a exploração de novas áreas, com o esforço de pesca aumentando de uma média de 26,6 milhões de covos/dia entre 1972 e 1981, para 126,93 milhões de covos/dia em 2002 (Brasil,



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						2008). Contudo, nos últimos anos o aumento do esforço de pesca não resultou em crescimento proporcional da captura, o que sugere a redução da abundância. Desta forma, infere-se que a população tenha reduzido quase 30% nos últimos 40 anos e considerando que a causa não cessou, projeta-se igual redução para os próximos 15 anos, sendo quase atingindo o critério A4bd. Portanto, de acordo com os critérios adotados, <i>P. laevicauda</i> está Quase Ameaçada (NT).
Panopeidae						
<i>Acantholobulus bermudensis</i> (Benedict & Rathbun, 1891)	Caranguejo da lama	LC		2013	2014	<i>Acantholobulus bermudensis</i> se distribui no Atlântico Ocidental, desde Bermuda e Flórida até o Rio Grande do Sul. A espécie é frequente da zona de entremarés até 15m, em poças de maré, nas rochas, sob pedras e em bancos de ostras, em estuários e manguezais. Não foram identificadas ameaças significativas. Desta forma, a espécie foi considerada Menos Preocupante (LC).
<i>Eurytium limosum</i> (Say, 1818)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Eurytium limosum</i> se distribui no Atlântico Ocidental, desde Carolina do Sul (EUA) até Santa Catarina (Brasil). Encontrado em praias lodosas e, principalmente, em manguezais, em áreas lamosas. Vivem em galerias parcialmente cheias d'água e sob pedras na marca da maré alta, dentro de troncos caídos, pedaços de madeira e raízes de árvores de mangue. Habita a zona entremarés e o infralitoral raso. Não foram identificadas ameaças significativas direcionadas a espécie. Portanto, a espécie foi categorizada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Panopeus americanus</i> Saussure, 1857	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Panopeus americanus</i> tem distribuição no Atlântico ocidental, da Flórida (EUA) até o Rio Grande do Sul (Brasil). Vive sob rochas, em praias lamosas e em mangues em fundos arenosos, conchíferos e lamosos. Desde a zona intertidal até os 25 m de profundidade. A espécie mantém populações bem estabelecidas mesmo em áreas de manguezais impactados. Considerando sua ampla distribuição e ausência de impactos significativos, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Panopeus austrobesus</i> Williams, 1983	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Panopeus austrobesus</i> se distribui no Atlântico Ocidental, no Brasil (do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul) e Uruguai. Habita a região intertidal até os 30 m, em baías, estuários, canais ou manguezais, sob pedras, recifes de rocha e coral, em cultivos de ostras e mexilhões. Considerando a ausência de ameaça significativa sobre a espécie, esta foi categorizada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Panopeus occidentalis</i> Saussure, 1857	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Panopeus occidentalis</i> se distribui no Atlântico ocidental, da Carolina do Norte (EUA) até o Rio Grande do Sul (Brasil). Encontrado em fundos de areia, rochas ou cascalho, entre algas, esponjas ou raízes de árvores de mangue. Muito comum em pilares de trapiches. Habita desde a zona entremarés até os 20 m de profundidade. Não foram identificadas ameaças significativas direcionadas a espécie. Desta forma, a espécie foi categorizada como sendo Menos Preocupante (LC).
<i>Panopeus rugosus</i> A. Milne-Edwards, 1880	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Panopeus rugosus</i> se distribui no Atlântico Ocidental, dos Estados Unidos (Flórida) até o Brasil (de Pernambuco ao Rio Grande do Sul). Habita fundos de areia, conchas, rochas e corais da região entremarés até 50 m de profundidade e, na região estuarina, vive na lama, entre raízes do mangue. Não existem ameaças significativas direcionadas à espécie, o que permite categorizá-la como Menos Preocupante (LC).
Parastacidae						
<i>Parastacus brasiliensis</i> (von Martens, 1869)	Lagostim	DD		2010	2012	A espécie é endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na depressão central do Estado do Rio Grande do Sul. O tamanho populacional não é conhecido. Parte da área de ocupação da espécie está sendo degradado por diversas ações antrópicas (canalização de cursos d'água, descargas domésticas, cloacais, urbanas, comerciais, industriais e ou de origem agropecuária), que deverão persistir. Suspeita-se um declínio populacional em decorrência dessas ameaças e que a espécie possa tornar-se ameaçada ao longo do tempo. Porém, no momento, não há informações que permitem quantificar o declínio populacional.
<i>Parastacus defossus</i> Faxon, 1898	Lagostim	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Parastacus defossus</i> foi avaliado de acordo com os critérios da IUCN (2001), com base nos dados disponíveis para a espécie. No



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						Brasil, <i>Parastacus defossus</i> ocorre somente no Rio Grande do Sul. Embora possa ser afetado por atividades humanas, não há ameaça direta que afete significativamente a população.
<i>Parastacus pilimanus</i> (von Martens, 1869)	Lagostim	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Parastacus pilimanus</i> foi avaliado de acordo com os critérios da IUCN (2001), com base nos dados disponíveis para a espécie. A espécie possui extensão de ocorrência ampla, população aparentemente estável e não há indícios de ameaça que cause declínio populacional.
<i>Parastacus varicosus</i> Faxon, 1898	Lagostim	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Parastacus varicosus</i> foi avaliado de acordo com os critérios da IUCN (2001), com base nos dados disponíveis para a espécie. No Brasil, <i>Parastacus varicosus</i> tem distribuição ampla no sul do Brasil. Embora possa ser afetado por atividades humanas, não há ameaça direta que afete significativamente a população.
Penaeidae						
<i>Artemesia longinaris</i> Spence Bate, 1888	Camarão- barba-ruça	LC		2013	2014	<i>Artemesia longinaris</i> é uma espécie bentônica distribuída no Atlântico Ocidental do Brasil (Espírito Santo) à Argentina, com registros de 2 a 125 m de profundidade, sendo as maiores concentrações abaixo dos 30 m. Estudos genéticos comprovaram que existe uma única população ao longo de toda sua extensão de ocorrência, portanto existe fluxo gênico entre as subpopulações do Uruguai e Argentina. Há indícios de sobrepesca, entretanto um potencial declínio populacional decorrente desta atividade não representa ameaça significativa que coloque a espécie em risco de extinção. Portanto, <i>Artemesia longinaris</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC). Recomendam-se medidas de manejo pesqueiro adequadas à manutenção do estoque, como a redução do esforço de pesca e o monitoramento das capturas para subsidiar futuras avaliações.
<i>Farfantepenaeus brasiliensis</i> (Latreille, 1817)	Camarão-rosa	DD		2010	2012	<i>Farfantepenaeus brasiliensis</i> é amplamente distribuída ocorrendo do sul dos Estados Unidos ao sul do Brasil. Sua captura em águas brasileiras ocorre, muitas vezes, simultaneamente com <i>F. paulensis</i> , no sudeste e sul do Brasil e, em



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						menor grau, com <i>F. subtilis</i> na região norte e nordeste. Em razão da semelhança entre estas espécies, os desembarques estão somados, sob o nome de camarão-rosa, na estatística pesqueira. Desta forma, torna-se muito difícil avaliar as espécies separadamente. Contudo, pode-se afirmar que <i>F. brasiliensis</i> , em conjunto com <i>F. paulensis</i> , foi intensamente pescada desde a década de 1960, o que levou ao colapso da pescaria industrial do camarão-rosa que ocorria no sudeste e sul do Brasil. Atualmente a frota desta região não tem mais esta espécie como alvo, mas sim como um dos componentes de uma pescaria multiespecífica. Com relação ao seu estado de conservação, observados os critérios adotados nesta avaliação, <i>F. brasiliensis</i> foi considerada na categoria de Dados Insuficientes (DD), pois embora tenha ciclo de vida curto e fecundidade alta, a tendência populacional não pôde ser devidamente avaliada, sobretudo em razão da escassez de dados exclusivos da espécie. Além disso, aspectos climáticos interferem em sua abundância, sendo necessários esforços na geração de estatísticas de desembarque específicas, tanto na frota artesanal como na industrial, bem como a implementação de cruzeiros de pesquisa que possam monitorar as populações.
<i>Farfantepenaeus notialis</i> (Pérez Farfante, 1967)	Camarão-rosa-do-norte	DD		2013	2014	<i>Farfantepenaeus notialis</i> é uma espécie bentônica distribuída no Atlântico, e no lado Ocidental ocorre do México ao Brasil (Maranhão), em profundidades de até 100 m, sendo mais abundante entre 3 e 50 m. Há uma pesca dirigida ao camarão rosa no Norte do país, com indícios de declínio das capturas. Contudo não há dados de desembarque discriminando as espécies <i>F. notialis</i> e <i>F. subtilis</i> . Portanto, <i>Farfantepenaeus notialis</i> foi categorizada como Dados Insuficientes (DD).
<i>Farfantepenaeus paulensis</i> (Pérez Farfante, 1967)	Camarão-rosa	DD		2010	2012	<i>Farfantepenaeus paulensis</i> distribuiu-se da Bahia, Brasil, à Mar del Plata, Argentina. É um importante recurso pesqueiro que foi intensamente pescado até a década de 1990, o que levou ao colapso da pescaria industrial comercial realizada em conjunto com <i>F. brasiliensis</i> , sob o nome de camarão-rosa. Desde então a frota camaroneira industrial do sudeste/sul não tem mais esta espécie



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						como alvo, mas como mais um dos componentes de uma pescaria multiespecífica. No entanto, as populações de juvenis seguem ocorrendo anualmente em abundâncias significativas, em especial na Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul. Portanto, embora seja evidente a redução populacional, considerando os altos rendimentos observados nas décadas de 1960 e 1970, o tamanho desta redução não pode ser estimado, visto que os dados da estatística pesqueira são obtidos sem que haja a separação entre as espécies que vulgarmente são conhecidas como camarão-rosa. Desta forma, considerando os critérios adotados nesta avaliação, <i>F. paulensis</i> foi categorizada como Dados Insuficientes (DD). Além disso, sua abundância também é influenciada por aspectos climáticos. São necessários esforços na geração de estatísticas específicas de desembarque, tanto na frota artesanal como na industrial. Também é necessário a realização de cruzeiros de pesquisa que possam monitorar as populações e suas relações com as condições ambientais.
<i>Farfantepenaeus subtilis</i> (Pérez Farfante, 1967)	Camarão-rosa-do-norte	LC		2010	2012	<i>Farfantepenaeus subtilis</i> é uma espécie de ciclo de vida curto, abundante em sua área de distribuição, que estende-se do Mar do Caribe até o sudeste do Brasil, sendo um importante recurso pesqueiro na costa norte brasileira. Não há evidências de sobrepesca. Desta forma, considerando os critérios utilizados nesta avaliação, a espécie foi categorizada como Menos Preocupante (LC). Dada sua importância na pesca industrial, recomenda-se que sejam adequadamente monitorados os desembarques desta espécie para que estejam disponíveis os melhores dados populacionais para avaliações futuras.
<i>Litopenaeus schimitti</i> (Burkenroad, 1936)	Camarão-branco	DD		2010	2012	<i>Litopenaeus schimitti</i> é um importante recurso pesqueiro na costa do Brasil. Apesar disso, os dados de captura por unidade de esforço não estão disponíveis, o que prejudica a avaliação de sua tendência populacional para aplicação dos critérios adotados. Trata-se de uma espécie intensamente pescada em diferentes fases de seu ciclo de vida, com estoques naturalmente menos abundantes. A captura dos adultos, que ocorre em mar aberto, é conjunta com a pesca do camarão-rosa (<i>Farfantepenaeus</i> spp.) e, principalmente, do camarão-sete-barbas (<i>Xiphopenaeus kroyeri</i>). Embora ocorra flutuação nas capturas, há picos cada vez menores que indicam redução na abundância, porém os dados estatísticos de desembarques pesqueiros não são precisos por serem contabilizados conjuntamente com outras espécies, além de serem esparsos e incompletos,



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						especialmente aqueles originários da pesca artesanal. Desta forma, apesar de haver indícios de redução populacional, não se consegue estimar o tamanho desta redução, sendo a espécie categorizada como Dados Insuficientes (DD). São necessárias estatísticas pesqueiras específicas que permitam avaliar sua captura por unidade de esforço e verificar sua tendência populacional em futuras avaliações.
<i>Rimapenaeus constrictus</i> (Stimpson, 1871)	Camarão ferrinho	LC		2013	2014	<i>Rimapenaeus constrictus</i> é uma espécie amplamente distribuída no Atlântico Ocidental, ocorrendo desde o Canadá até o Brasil (Amapá a Santa Catarina), preferencialmente até os 30 m de profundidade, podendo ocorrer até os 80 m. Embora apareça como captura incidental na pesca de arrasto de camarões, esta não é considerada uma ameaça significativa. Portanto, <i>Rimapenaeus constrictus</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Rimapenaeus similis</i> (Smith, 1885)	Camarão-branquinho	LC		2013	2014	<i>Rimapenaeus similis</i> é uma espécie distribuída no Atlântico Oriental (Tunísia) e Ocidental desde a Flórida até o Golfo do México, Mar do Caribe ao Brasil (Amapá e Pará), ocorrendo de 2 a 92 m de profundidade. Embora apareça como captura incidental na pesca de arrasto de camarões, esta não é considerada uma ameaça significativa. Portanto, <i>Rimapenaeus similis</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Xiphopenaeus kroyeri</i> (Heller, 1862)	Camarão-sete-barbas	DD		2010	2012	<i>Xiphopenaeus kroyeri</i> , distribui-se desde os Estados Unidos até Santa Catarina, sul do Brasil. É um importante recurso da pesca industrial e, principalmente, da pesca artesanal. Na região sudeste e sul são registrados picos cada vez menores de captura, o que indica redução na abundância nesta região. Esta redução nas capturas não foi observada para a região nordeste. Contudo, os dados estatísticos de desembarque pesqueiro contêm problemas pelo fato de frequentemente as capturas serem contabilizadas conjuntamente com outras espécies, especialmente no caso da região nordeste. Outro problema diz respeito aos desembarques artesanais que são esparsos por comunidades ao longo da costa, o que dificulta o levantamento da totalidade dos dados estatísticos da pesca. Além



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						disso, mais recentemente a partir de estudos genéticos, constatou-se que no Atlântico, inclusive na costa do Brasil, <i>X. kroyeri</i> é formada por um complexo composto por duas espécies crípticas (<i>Xiphopenaeus</i> sp.1 e <i>Xiphopenaeus</i> sp.2), com subpopulações distintas ao longo da costa brasileira. Desta forma, apesar da evidência clara de redução populacional, pelo menos para uma parte de sua distribuição no Brasil, não se consegue estimar o tamanho desta redução para cada grupo populacional dessas novas espécies. Por esse motivo o complexo <i>X. kroyeri</i> foi categorizada como Dados insuficientes (DD). Faz-se necessário o controle dos desembarques artesanais e industriais para que se possa monitorar o estado populacional deste recurso pesqueiro. Recomenda-se também que as espécies crípticas de <i>Xiphopenaeus</i> tenham estabelecidas suas distribuições ao longo da costa brasileira, assim como a contribuição na pesca de cada uma delas.
Porcellanidae						
<i>Minyocerus angustus</i> (Dana, 1852)	Desconhecido	DD		2010	2012	O caranguejo <i>M. angustus</i> é encontrado no Brasil como comensal da estrela-do-mar <i>Luidia senegalensis</i> (Lamarck, 1816), espécie que sofre forte ação antrópica devido à intensa atividade pesqueira (captura em redes não seletivas), além de ser altamente suscetível aos efeitos de poluentes oriundos das embarcações e do despejo de resíduos urbanos. No entanto, nada se conhece sobre a biologia populacional e reprodutiva de <i>Minyocerus angustus</i> e não há informações ou observações de campo que indiquem declínio populacional. Desta forma, a espécie <i>M. angustus</i> foi categorizada como Dados Insuficientes (DD), visto que não há dados que permitam avaliar de forma precisa o real risco de extinção da espécie.
Ovalipidae						
<i>Ovalipes trimaculatus</i> (De Haan, 1833)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Ovalipes trimaculatu</i> se distribui no Atlântico Oriental, África do Sul; no Indo-Pacífico Sul e Pacífico Oriental, no Peru e Chile; e no Atlântico Ocidental, no



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						Brasil (de São Paulo até o Rio Grande do Sul), Uruguai, Argentina. Vive em fundos arenosos, eventualmente em lama ou concha. Espécie agressiva, geralmente enterra-se na areia para se defender. Não foram identificadas ameaças específicas. Desta forma, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
Polybiidae						
<i>Coenophthalmus tridentatus</i> A. Milne-Edwards, 1879	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Coenophthalmus tridentatus</i> se distribui no Atlântico Ocidental, no Brasil, Uruguai e Argentina. No Brasil, ocorre do Rio de Janeiro até Rio Grande do Sul. Ocorre na plataforma continental, de 15 a 50 m de profundidade, em bancos de ostras e fundos de lama. A espécie esta associada à presença de águas frias. Não foram identificadas ameaças direcionadas à espécie, portanto, foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
Portunidae						
<i>Achelous gibbesii</i> (Stimpson, 1859)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Achelous gibbesii</i> se distribui no Atlântico Ocidental, desde Massachussetts (EUA) até o Maranhão (Brasil). Vive em fundos de areia, lama e conchas, em baías e estuários, desde águas rasas até 393 m. Não foram identificadas ameaças no Brasil. Desta forma, a espécie foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Achelous ordwayi</i> (Stimpson, 1860)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Achelous ordwayi</i> tem distribuição no Atlântico Ocidental, desde a costa leste dos Estados Unidos até o Brasil (desde o Amapá até o Rio Grande do Sul e Fernando de Noronha). Habita fundos de areia, cascalho, conchas e corais, desde águas rasas até 284 m. Não são identificadas ameaças direcionadas á espécie. Portanto, a espécie foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Achelous rufiremus</i> (Holthuis, 1959)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Achelous rufiremus</i> se distribui no Atlântico Ocidental desde as Guianas até o Maranhão, e São Paulo. Habita fundos de lama, conchas, corais ou de areia, em profundidades de 20 a 70 m. Espécie circalitoral. Não são conhecidas ameaças direcionadas á espécie. Portanto, a espécie foi categorizada como Menos Preocupante (LC).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Achelous spinicarpus</i> (Stimpson, 1871)	Siri-praga	LC		2013	2014	<i>Achelous spinicarpus</i> é uma espécie abundante, com ampla distribuição no Atlântico Ocidental, sendo encontrada da Carolina do Norte (EUA) até o Uruguai. No Brasil, ocorre do Amapá ao Rio Grande do Sul. Habita fundos de areia, cascalho, coral, cascalho conchífero ou lama. A espécie ocorre desde águas rasas até os 690 m de profundidade. Não foram encontradas ameaças significativas sobre a espécie. Portanto, a espécie foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Achelous spinimanus</i> (Latreille, 1819)	Siri-candeia	LC		2013	2014	<i>Achelous spinimanus</i> apresenta ampla distribuição no Atlântico Ocidental, ocorrendo desde New Jersey (EUA) ao Uruguai. No Brasil, existem registros do Amapá ao Rio Grande do Sul. Habita águas salobras de canais e baías com fundos de areia, lama e cascalho conchífero. A espécie ocorre desde o entremarés até 90 m de profundidade, entretanto, seu nicho ecológico, é restrito quando comparado a outras espécies de siris. Embora a espécie seja impactada pela pesca dirigida ou incidental, considerando a ampla distribuição geográfica, crescimento rápido, e alta fecundidade, esta foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Achelous tumidulus</i> Stimpson, 1871	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Achelous tumidulus</i> se distribui no Atlântico Ocidental, desde Bermuda, Flórida, Golfo do México, Antilhas, Guianas e Brasil (Amapá a São Paulo). Habita fundos arenosos, coralíneos, rochosos, de lama ou de algas calcárias; do entremarés até 85 m de profundidade. Devido ao pequeno porte a espécie não é alvo de captura para fins comerciais, não sendo identificadas quaisquer outras ameaças específicas relevantes. Portanto, a espécie foi categorizada como Menos preocupante (LC).
<i>Arenaeus cribrarius</i> (Lamarck, 1818)	Siri-chita	LC		2013	2014	<i>Arenaeus cribrarius</i> se distribui no Atlântico Ocidental desde Massachusetts até Carolina do Norte, Bermudas, Flórida, Golfo do México, Antilhas, Colômbia, Venezuela, Brasil (do Ceará ao Rio Grande do Sul), Uruguai e Argentina. Ocorre da zona das entremarés até 70 m de profundidade. Raramente encontrada



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						em estuários ou lagoas interiores. A espécie ocorre em maior abundância em águas costeiras rasas, principalmente na zona de arrebentação das ondas, onde se enterra no sedimento. As ameaças identificadas para a espécie não foram consideradas expressivas, sendo, portanto, categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Callinectes bocourti</i> A. Milne-Edwards, 1879	Siri-pimenta	LC		2013	2014	<i>Callinectes bocourti</i> se distribui no Atlântico Ocidental, desde a Flórida (EUA) até Rio Grande do Sul (Brasil). A espécie é frequentemente encontrada em águas estuarinas rasas, de baixa salinidade e suporta ambientes poluídos. Encontrada associada a <i>C. sapidus</i> . Podem ocorrer também em fundos de areia, lama conchas ou rochas, desde áreas rasas na zona entremarés até 20 m de profundidade. Não foram verificadas ameaças significativas, portanto, a espécie foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Callinectes danae</i> Smith, 1869	Siri-azul	LC		2013	2014	<i>Callinectes danae</i> tem distribuição no Atlântico Ocidental, de Bermuda, Flórida, Golfo do México, Antilhas, Colômbia, Venezuela, Brasil (Pará ao Rio Grande do Sul) e Argentina. Ocorre desde águas salobras até hipersalinas, em manguezais e estuários lamosos; praias arenosas e mar aberto, da zona entremarés até 75 m de profundidade. A espécie é capturada como fauna acompanhante das pescarias dos camarões sete-barbas e rosa, bem como o uso de artes fixas, tais como puçás iscados ou espinhel, embora essas atividades não configurem ameaça significativa à espécie. Desta forma, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Callinectes exasperatus</i> (Gerstaecker, 1856)	Siri-azul	LC		2013	2014	<i>Callinectes exasperatus</i> (se distribui no Atlântico Ocidental, desde Bermuda até Santa Catarina (Brasil). É considerada uma espécie naturalmente pouco abundante em relação aos demais Portunídeos do gênero <i>Callinectes</i> . Ocorre em águas salgadas e estuarinas rasas, desde a zona entremarés até 35 m de profundidade. Embora a espécie seja capturada para fins comerciais, não há indícios de redução da população. Desta maneira, a espécie foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Callinectes marginatus</i> (A. Milne-Edwards,	Siri-coceira	LC		2013	2014	<i>Callinectes marginatus</i> se distribui no Atlântico Ocidental, desde a Carolina do Norte até a Flórida, Golfo do México, Bermuda, Antilhas, Colômbia, Venezuela



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

1861)						e Brasil (do Pará até São Paulo). Habita desde a zona entremarés até 25 m de profundidade, em fundos de areia e lama, periferia de manguezais, também em águas salobras, raramente em mar aberto. É considerada uma espécie naturalmente pouco abundante em relação aos demais portunídeos do gênero <i>Callinectes</i> . Não existem indícios de redução populacional, sendo a única informação sobre pesca ocorre na Bahia. Não foram identificadas outras ameaças direcionadas à espécie, portanto, foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Callinectes ornatus</i> Ordway, 1863	Siri-azul	LC		2013	2014	<i>Callinectes ornatus</i> se distribui no Atlântico Ocidental, desde a Carolina do Norte até a Flórida, Golfo do México, Antilhas, Colômbia, Venezuela, Guianas e Brasil (do Amapá ao Rio Grande do Sul). Vive em fundos de areia, lama ou conchas, próximos à desembocadura de rios e baías, desde a região entremarés até 75 m de profundidade, associado à áreas de maior salinidade. É considerada uma espécie abundante em relação aos demais portunídeos do gênero <i>Callinectes</i> . Não existem indícios de redução populacional. A espécie é capturada como fauna acompanhante das pescarias dos camarões sete-barbas e rosa, embora essas atividades não configurem ameaça significativa à espécie. Desta forma, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Callinectes sapidus</i> Rathbun, 1896	Siri-azul	DD		2010	2012	No Brasil, de modo geral, <i>C. sapidus</i> não constitui espécie-alvo de grandes pescarias, sendo basicamente explorada pela pesca artesanal no interior dos estuários, principalmente nas regiões sudeste e sul, bem como nas regiões costeiras como fauna acompanhante da pesca de arrasto de camarões. Geralmente os indivíduos capturados são devolvidos, já mortos, ao mar. Em alguns locais a espécie declinou consideravelmente, mas não existem dados suficientes para estimar o impacto das capturas na população de <i>C. sapidus</i> . Coleta de informações de captura e pesquisas voltadas a biologia pesqueira da espécie bem como o conhecimento do nível de degradação das áreas onde habita são necessárias para a alteração da condição de Dados Insuficientes (DD).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Cronius ruber</i> (Lamarck, 1818)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Cronius ruber</i> se distribui no Atlântico Ocidental, de Nova Jersey ao sul da Flórida, Golfo do México, Antilhas, América Central, norte da América do Sul, Guianas e Brasil (Amapá até Rio Grande do Sul), bem como no Atlântico Oriental, do Senegal até Angola. A espécie habita águas rasas, sendo normalmente encontrada associada a diversos substratos, especialmente em fundos de cascalho do sublitoral, embora existam registros em profundidades de até 100 m. Embora alguns autores mencionem declínio populacional dessa espécie ao longo da costa brasileira, associando este fato ao aumento populacional da espécie exótica <i>Charybdis hellerii</i> , não existem ainda estudos que dêem respaldo a tal hipótese. Pelo exposto, a espécie foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Laleonectes vocans</i> (A. Milne-Edwards, 1878)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Laleonectes vocans</i> se distribui no Atlântico Central, Ilhas da Ascensão; Atlântico Oriental, Ilha da Madeira, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, e Annobon; Atlântico Ocidental, Golfo do México, Antilhas e Brasil (da Bahia ao Rio de Janeiro). A espécie ocorre em corais e fundos de conchas quebradas, entre 40 e 310 m profundidade. Não foram identificadas ameaças específicas. Desta forma, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Portunus anceps</i> (Saussure, 1858)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Portunus anceps</i> se distribui no Atlântico Central, na Ilha de Ascensão; e no Atlântico Ocidental, desde a Carolina do Norte até o Brasil (do Amapá até São Paulo). Vive principalmente em fundos de areia, mas também em lama, conchas e substratos duros e em recifes de corais, desde águas rasas até 103 m, usualmente ente 0 e 20 m. Não foram identificadas ameaças específicas. Desta forma, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Portunus ventralis</i> (A. Milne-Edwards, 1879)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Portunus ventralis</i> se distribui no Atlântico Ocidental, na Geórgia, Flórida, Golfo do México, Antilhas, Venezuela e Brasil (Atol das Rocas, Rio Grande do Norte até São Paulo). Vive em fundos de areia, em praias arenosas ou na superfície de águas mais profundas. Habita desde a zona entremarés até os 40 m de profundidade. Também pode ocorrer em poças de maré. Não foram



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						identificadas ameaças específicas. Desta forma, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
Pseudothelphusidae						
<i>Brasiliothelphusa dardanelosensis</i> Magalhães & Türkay, 2010	Caranguejo-de-água-doce	DD		2010	2012	O estado de conservação de <i>Brasiliothelphusa dardanelosensis</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). É uma espécie descrita recentemente, com ocorrência conhecida apenas em uma localidade no curso alto do rio Aripuanã, Estado do Mato Grosso. Há ausência de informações sobre sua extensão de ocorrência, tamanho e tendências populacionais, requerimentos ecológicos e ameaças a longo prazo.
<i>Brasiliothelphusa tapajoense</i> Magalhães & Türkay, 1986	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Brasiliothelphusa tapajoense</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). É uma espécie com ocorrência conhecida em apenas duas localidades, distantes cerca de 50 km entre si, no curso médio do rio Tapajós, estado do Pará. Há ausência de informações sobre sua extensão de ocorrência, tamanho e tendências populacionais, requerimentos ecológicos e ameaças a longo prazo. Apesar da falta de informações, não há evidências de ameaças potenciais a esta espécie, uma vez que ela ocorre em áreas relativamente bem preservadas.
<i>Fredius denticulatus</i> (H. Milne-Edwards, 1853)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Fredius denticulatus</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). A espécie possui ampla distribuição e uma população presumível grande e estável. É improvável que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de risco e não há de ameaças a longo prazo.
<i>Fredius estevisi</i> Rodríguez, 1966	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Fredius estevisi</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). A espécie possui distribuição ampla e uma população presumível grande e estável. No Brasil, foi registrada na bacia do rio Branco. É improvável que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de risco e não há ameaças a longo prazo.



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Fredius fittkai</i> (Bott, 1967)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Fredius fittkai</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). A espécie possui distribuição ampla e uma população presumível grande e estável. É improvável que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco e há ausência de ameaças a longo prazo.
<i>Fredius platyacanthus</i> Rodríguez & Pereira, 1992	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Fredius platyacanthus</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). A espécie possui distribuição ampla e uma população presumível grande e estável. É da improvável que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de risco e há ausência de ameaças em longo prazo.
<i>Fredius reflexifrons</i> (Ortmann, 1897)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Fredius reflexifrons</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). A espécie possui distribuição ampla e uma população presumível grande e estável. É improvável que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de risco e não há ameaças em longo prazo.
<i>Fredius stenolobus</i> Rodríguez & Suárez, 1994	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Fredius stenolobus</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). A espécie possui distribuição ampla e uma população presumível grande e estável. No Brasil, foi registrado apenas na bacia do rio Branco, Roraima. É improvável que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de risco e não há ameaças no longo prazo.
<i>Fredius ykaa</i> Magalhães, 2009	Caranguejo-de-água-doce	DD		2010	2012	O estado de conservação de <i>Fredius ykaa</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). É uma espécie descrita recentemente, com ocorrência conhecida em apenas uma localidade em um tributário do rio Maués-Açú, município de Maués, estado do Amazonas, Brasil. Foi categorizada como Dados Insuficientes (DD), em função da ausência de informações adicionais sobre sua extensão de ocorrência, tamanho e tendências da populacional, requerimentos ecológicos, e ameaças a longo prazo.
<i>Kingsleya besti</i>	Caranguejo-	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Kingsleya besti</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). É uma espécie com ocorrência



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

Magalhães, 1990	de-água-doce					conhecida de apenas uma localidade na bacia do curso alto do rio Negro, estado do Amazonas, Brasil. Apesar da ausência de informações sobre sua extensão de ocorrência, tamanho e tendências populacional, requerimentos ecológicos, não há evidências de ameaças reais ou potenciais a esta espécie, uma vez que ela ocorre em área relativamente bem preservada.
<i>Kingsleya gustavoi</i> Magalhães, 2004	Caranguejo- de-água-doce	DD		2010	2012	O estado de conservação de <i>Kingsleya gustavoi</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). É uma espécie com ocorrência conhecida de apenas três localidades muito próximas entre si na bacia do médio curso do rio Tocantins, estado do Pará, Brasil. Não há informações suficientes sobre sua extensão de ocorrência, tamanho e tendências populacional, requerimentos ecológicos e ameaças.
<i>Kingsleya junki</i> Magalhães, 2003	Caranguejo- de-água-doce	DD		2010	2012	O estado de conservação de <i>Kingsleya junki</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). É uma espécie com ocorrência conhecida apenas de uma única localidade, situada na bacia do médio curso do rio Xingu, estado do Pará, Brasil. Há ausência de informações sobre sua extensão de ocorrência, tamanho e tendência da populacional, requerimentos ecológicos e ameaças em longo prazo.
<i>Kingsleya latifrons</i> (Randall, 1840)	Caranguejo- de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Kingsleya latifrons</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). A espécie possui distribuição ampla e uma população presumível grande e estável. É improvável que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria risco e não há ameaças em longo prazo.
<i>Kingsleya siolii</i> (Bott, 1967)	Caranguejo- de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Kingsleya siolii</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). A espécie possui distribuição ampla e uma população presumível grande e estável. É da improvável que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de risco e não há ameaças a longo prazo.
<i>Kingsleya ytuporta</i> Magalhães, 1986	Caranguejo- de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Kingsleya ytuporta</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). A espécie possui distribuição



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						ampla e uma população presumível grande e estável. É improvável que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de risco e não há ameaças em longo prazo.
<i>Microthelphusa somanni</i> (Bott, 1967)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Microthelphusa somanni</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). É uma espécie com ocorrência conhecida em apenas uma localidade no rio Maraujá, estado do Amazonas, Brasil. Foi categorizada como Dados Insuficientes (DD), em função da ausência de informações adicionais sobre sua extensão de ocorrência, tamanho e tendência populacional, requerimentos ecológicos e possíveis ameaças.
<i>Prionothelphusa eliasi</i> (Rodríguez, 1980)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Prionothelphusa eliasi</i> foi avaliado de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). A espécie possui ampla distribuição e uma população presumivelmente grande e estável. É improvável que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de risco e não há ameaças a longo prazo.
Scyllaridae						
<i>Bathyarctus ramosae</i> (Tavares, 1997)	Lagosta-sapata	LC		2010	2012	A espécie foi avaliada como Dados Insuficientes (DD) na avaliação global (Chan, 2011), sendo justificado que só era conhecido seu holótipo. Contudo, já existe registro na Bahia, além do Espírito Santo, sua localidade-tipo (18°59'S, 37°49'W) (Dall'Occo <i>et al.</i> 2007; Tavares, 1997). Além disso, sua faixa de distribuição batimétrica que era conhecida apenas entre 290 e 315 m de profundidade, já é de 251 a 334 m (Tavares, 1997; Melo, 1999; Dall'Occo <i>et al.</i> 2007; Serejo <i>et al.</i> , 2007). Desta forma, considerando que seu habitat é relativamente reduzido e não há ameaças conhecidas, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Parribacus antarcticus</i> (Lund, 1793)	Lagosta-chinesa	LC		2013	2014	Embora seja uma espécie associada a fundos de corais e rochas e esteja sujeita aos impactos associados a ambientes costeiros, estas não foram consideradas ameaças significativas. Portanto, <i>Parribacus antarcticus</i> foi categorizada como



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						Menos Preocupante (LC).
<i>Scyllarides aequinoctialis</i> (Lund, 1973)	Lagosta-sapateira	LC		2013	2014	Apesar de ser capturada incidentalmente por algumas pescarias, não foram detectadas ameaças significativas à espécie. Portanto, <i>Scyllarides aequinoctialis</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Scyllarides brasiliensis</i> Rathbun, 1906	Lagosta-sapateira	LC		2013	2014	Apesar de ser capturada incidentalmente por algumas pescarias, não foram detectadas ameaças significativas à espécie. Portanto, <i>Scyllarides brasiliensis</i> foi categorizada como Menos Preocupante – LC.
<i>Scyllarides deceptor</i> Holthuis, 1963	Lagosta-sapateira	DD		2010	2012	A espécie foi classificada como Dados Insuficientes (DD), segundo os critérios estabelecidos pela IUCN (2008). No entanto, as informações disponíveis sobre os potenciais impactos populacionais a esta espécie se constituem apenas na mortalidade por atuação das pescarias industriais (arrasto-duplo-médio e armadilhas), restritas aos dados coletados em desembarques pesqueiros ocorridos no Estado de São Paulo, onde ocorrem as maiores capturas no Sudeste do Brasil. Neste sentido, tais dados podem não corresponder a situação real da espécie considerando toda sua área de distribuição no país, que vai até o Chuí (RS), dados estes que não se encontram disponíveis. Nunca houve uma avaliação nacional ou internacional sobre a espécie <i>S. deceptor</i> . De modo geral, a Família Scyllaridae não compreende espécies como alvos específicos de grandes pescarias ao redor do mundo (Spanier & Lavalli, 2007). Deste modo, existe uma grande carência de conhecimento a respeito de seus representantes, devido ao baixo valor econômico relativo de suas espécies frente as lagostas pertencentes às Famílias Palinuridae (lagostas-de-espinho) e Nephropidae (lagostins) (Spanier & Lavalli, 2006; 2007). Por outro lado, Lavalli & Spanier (2007) destacam a crescente importância que o gênero <i>Scyllarides</i> tende a ocupar nas pescarias mundiais. Portanto, a coleta de informações e pesquisas científicas é necessária para se esclarecer sobre a situação atual da espécie, visando que ela seja retirada da condição de Dados Insuficientes (DD) e sua inserção em uma categoria mais elucidativa com vistas a sua conservação.



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Scyllarides delfosi</i> Holthuis, 1960	Lagosta-sapateira	LC		2013	2014	Apesar de ser capturada incidentalmente por algumas pescarias, não foram detectadas ameaças significativas à espécie. Portanto, <i>Scyllarides delfosi</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Scyllarus americanus</i> (Smith, 1869)	Desconhecido	LC		2013	2014	Apesar de ser capturada incidentalmente por algumas pescarias, não foram detectadas ameaças significativas à espécie. Portanto, <i>Scyllarus americanus</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Scyllarus chacei</i> Holthuis, 1960	Desconhecido	LC		2013	2014	Apesar de ser capturada incidentalmente por algumas pescarias, não foram detectadas ameaças significativas à espécie. Portanto, <i>Scyllarus chacei</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Scyllarus depressus</i> (Smith, 1881)	Desconhecido	LC		2013	2014	Não foram identificadas ameaças significativas à espécie. Portanto, <i>Scyllarus depressus</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
Sergestidae						
<i>Acetes americanus</i> Ortmann, 1893	Camarão-lêndea	LC		2013	2014	<i>Acetes americanus</i> é uma espécie pelágica, amplamente distribuída no Atlântico Ocidental, até os 40 m de profundidade. No Brasil, ocorre desde o Pará até o Rio Grande do Sul. Embora possa ser capturada incidentalmente no arrasto de camarões e haja consumo de espécimes do mesmo gênero no Norte/Nordeste do país, estas não foram consideradas ameaças significativas à espécie. Portanto, <i>A. americanus</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Peisos petrunkevitchi</i> Burkenroad, 1945	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Peisos petrunkevitchi</i> é uma espécie demersal que ocorre no Atlântico Ocidental desde o Rio de Janeiro até Chubut (Argentina), em profundidades entre 10 e 30 m. A espécie está associada às correntes de águas frias, principalmente à Água Central do Atlântico Sul (ACAS). Embora seja capturada incidentalmente na pesca de arrasto costeiro, essa ameaça não é significativa à espécie. Portanto, <i>Peisos petrunkevitchi</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
Sesarmidae						
<i>Aratus pisonii</i> (H. Milne-Edwards, 1837)	Caranguejo-arborícola	LC		2010	2012	A espécie é abundante e ocorre principalmente em áreas de mangues, possuindo ampla distribuição no Brasil (do Amapá até Santa Catarina). Embora esteja sujeita às pressões antrópicas que comumente afetam os manguezais em todo o país, não há ameaça direta ou indício de declínio populacional.
<i>Armases angustipes</i>	Caranguejo-	LC		2013	2014	<i>Armases angustipes</i> se distribui no Atlântico ocidental no México, Antilhas e Brasil (do Pará até Santa Catarina). Habita estuários, sendo mais frequente na



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

(Dana, 1852)	de-bromélia					região marginal. Ocorre também no litoral rochoso e em bromeliáceas. Não foram identificadas ameaças específicas. Desta forma, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Armases rubripes</i> (Rathbun, 1897)	Desconhecido	LC		2013	2014	<i>Armases rubripes</i> no Atlântico Ocidental se distribui na América Central, norte da América do Sul, Brasil (do Ceará a Rio Grande do Sul), Uruguai e Argentina. É encontrada em marismas, no sedimento entre as raízes; também pode ser observado em fissuras e cavidades de trapiches e rochas. A espécie é encontrada em ambientes altamente impactados, onde não há registro de declínio populacional. Não foram identificadas ameaças específicas. Desta forma, a espécie foi avaliada como Menos Preocupante (LC).
<i>Sesarma rectum</i> Randall, 1840	Sarará	LC		2010	2012	A espécie é comumente encontrada nos estuários brasileiros, apesar das poucas publicações mencionando sua ecologia e habitat. Embora a degradação do habitat seja notável, não há indícios de que a espécie esteja sob ameaça.
Sicyoniidae						
<i>Sicyonia dorsalis</i> Kingsley, 1878	Camarão-pedra	LC		2013	2014	<i>Sicyonia dorsalis</i> é uma espécie amplamente distribuída no Atlântico Ocidental que ocorre preferencialmente até os 30 m, podendo ser encontrada até os 60 m de profundidade. No Brasil é encontrada do Amapá à Santa Catarina. Embora seja capturada incidentalmente na pesca de arrasto de camarões, essa não foi considerada uma ameaça significativa à espécie. Portanto, <i>Sicyonia dorsalis</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Sicyonia laevigata</i> Stimpson, 1871	Camarão-pedra	LC		2013	2014	<i>Sicyonia laevigata</i> é uma espécie amplamente distribuída no Atlântico Ocidental (dos Estados Unidos até o Brasil) e no Pacífico Oriental (do México ao Panamá), habita preferencialmente áreas rasas em associação com gramíneas marinhas, podendo ocorrer até os 100 m de profundidade. No Brasil é encontrada do Amapá ao Rio Grande do Sul. Não foram encontradas ameaças significativas à espécie. Portanto, <i>Sicyonia laevigata</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Sicyonia parri</i> (Burkenroad, 1934)	Camarão-pedra	LC		2013	2014	<i>Sicyonia parri</i> é uma espécie amplamente distribuída no Atlântico Ocidental dos Estados Unidos até o Brasil. Habita preferencialmente áreas rasas, em associação com gramíneas marinhas, podendo ocorrer até os 87 m de



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						profundidade. No Brasil é encontrada do Maranhão a São Paulo. Não foram encontradas ameaças significativas à espécie. Portanto, <i>Sicyonia parri</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
<i>Sicyonia typica</i> (Boeck, 1864)	Camarão-pedra	LC		2013	2014	<i>Sicyonia typica</i> é uma espécie amplamente distribuída no Atlântico Ocidental dos Estados Unidos ao Brasil, ocorrendo preferencialmente de 30 a 60 m, podendo ser encontrada até os 100 m de profundidade. No Brasil é registrada do Amapá ao Rio Grande do Sul. Embora seja capturada incidentalmente na pesca de arrasto de camarões, essa não foi considerada uma ameaça significativa à espécie. Portanto, <i>Sicyonia typica</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
Solenoceridae						
<i>Pleoticus muelleri</i> (Spence Bate, 1888)	Camarão-santana	LC		2013	2014	<i>Pleoticus muelleri</i> é uma espécie bentônica distribuída no Atlântico Ocidental do Brasil (Espírito Santo) à Argentina, habitando preferencialmente de 5 a 25 m de profundidade, podendo ocorrer até 170 m. Existe aporte de indivíduos vindos do Uruguai e Argentina. Embora exista uma crescente atividade de pesca dirigida à espécie, não há indicação de que sua população esteja declinando. Portanto, <i>Pleoticus muelleri</i> foi categorizada como Menos Preocupante (LC). Contudo, recomendam-se medidas de manejo pesqueiro adequadas à manutenção do estoque, como a redução do esforço de pesca e o monitoramento das capturas.
Trichodactylidae						
<i>Dilocarcinus pagei</i> Stimpson, 1861	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Dilocarcinus pagei</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua distribuição ampla, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Dilocarcinus septemdentatus</i> (Herbst, 1783)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Dilocarcinus septemdentatus</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua distribuição ampla, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Fredilocarcinus apyratii</i> Magalhães & Türkay, 1996	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Fredilocarcinus apyratii</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua distribuição abranger mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças significativas no longo prazo. Esta espécie foi avaliada no âmbito da Avaliação Global dos Caranguejos de Água Doce, tendo sido categorizada como Dados Insuficientes (DD) (Cumberlidge, 2008). A alteração da categoria se deu em função de aplicação prévia incorreta dos critérios de avaliação.
<i>Goyazana castelnaui</i> (H. Milne-Edwards, 1853)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Goyazana castelnaui</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de uma bacia hidrográfica, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Goyazana rotundicauda</i> Magalhães & Türkay,	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Goyazana rotundicauda</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua distribuição abranger mais de um país, de ter uma



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

1996						população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Moreirocarcinus emarginatus</i> (H. Milne-Edwards, 1853)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Moreirocarcinus emarginatus</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de uma bacia hidrográfica, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Moreirocarcinus laevifrons</i> (Moreira, 1901)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Moreirocarcinus laevifrons</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de uma bacia hidrográfica, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Poppiana argentiniana</i> (Rathbun, 1906)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Poppiana argentiniana</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país e mais de uma bacia hidrográfica, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Poppiana bulbifer</i> (Rodríguez, 1992)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Poppiana bulbifer</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país e mais de uma bacia hidrográfica, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Poppiana dentata</i> (Randall, 1918)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Poppiana dentata</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país e mais de uma bacia hidrográfica, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Rotundovaldivia latidens</i> H. Milne-Edwards, 1869	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Rotundovaldivia latidens</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Sylviocarcinus australis</i> Magalhães & Türkay, 1996	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Sylviocarcinus australis</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Sylviocarcinus devillei</i> H. Milne-Edwards, 1853	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Sylviocarcinus devillei</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Sylviocarcinus maldonadoensis</i> (Pretzmann, 1978)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Sylviocarcinus maldonadoensis</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Sylviocarcinus pictus</i> (H. Milne-Edwards, 1853)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Sylviocarcinus pictus</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Trichodactylus borellianus</i> Nobili, 1896	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Trichodactylus borellianus</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Trichodactylus dentatus</i> H. Milne-Edwards, 1853	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Trichodactylus dentatus</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Trichodactylus ehrhardti</i> Bott, 1969	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Trichodactylus ehrhardti</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). Possui distribuição ampla, que abrange mais de um país, com uma população grande e estável, sem indícios de declínio populacional suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de extinção. Não há ameaças significativas que afetem a população no longo prazo.
<i>Trichodactylus faxoni</i> Rathbun, 1905	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Trichodactylus faxoni</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Trichodactylus fluviatilis</i> Latreille, 1828	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Trichodactylus fluviatilis</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Trichodactylus kensleyi</i> Rodríguez, 1992	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Trichodactylus kensleyi</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Trichodactylus panoplus</i> (von Martens, 1869)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Trichodactylus panoplus</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Trichodactylus parvus</i> (Moreira, 1912)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Trichodactylus parvus</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003). É uma espécie com ocorrência conhecida em apenas duas localidades no estado do Mato Grosso, Brasil. Foi categorizada como LC em função da ausência de informações adicionais sobre sua extensão de ocorrência, requerimentos ecológicos, tamanho e tendências da população, e ameaças no longo prazo. Apesar da falta de informações, não há evidências de ameaças potenciais a esta espécie, uma vez que ela ocorre em áreas relativamente bem preservadas. Esta espécie foi avaliada no âmbito da Avaliação Global dos Caranguejos de Água Doce, tendo sido categorizada como Dados Insuficientes (DD) (Cumberlidge, 2008). A alteração da categoria se deu em função de aplicação prévia incorreta dos critérios de avaliação.
<i>Trichodactylus petropolitanus</i> (Göldi, 1886)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Trichodactylus petropolitanus</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Valdivia camerani</i> (Nobili, 1896)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Valdivia camerani</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua ampla distribuição, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Valdivia novemdentata</i> Pretzmann, 1968	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Valdivia novemdentata</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						(2003), em função de sua distribuição ampla, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Valdivia serrata</i> White, 1847	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Valdivia serrata</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua distribuição ampla, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
<i>Zilchiopsis oronensis</i> (Pretzmann, 1968)	Caranguejo-de-água-doce	LC		2010	2012	O estado de conservação de <i>Zilchiopsis oronensis</i> foi avaliado como Menos Preocupante (LC), de acordo com os critérios de avaliação regional da IUCN (2003), em função de sua distribuição ampla, que abrange mais de um país, de ter uma população presumível grande e estável, da improbabilidade de que sua população esteja declinando o suficiente para qualificá-la numa categoria de maior risco de ameaça, e devido à ausência de ameaças no longo prazo.
Ucididae						
<i>Ucides cordatus</i> (Linnaeus, 1763)	Caranguejo-uçá	NT		2010	2012	O caranguejo-uçá (<i>Ucides cordatus</i>) atinge grande porte na fase adulta, figurando entre os principais recursos pesqueiros de sistemas estuarinos brasileiros, em especial em áreas de manguezal, onde são espécies endêmicas. A extração do caranguejo-uçá está associada ao tamanho da área e sua qualidade ambiental, sendo mais expressiva nos estados da região norte-nordeste do Brasil, particularmente nas Reentrâncias Maranhenses e Delta do Parnaíba. Esta espécie é considerada sobrexplotada (anexo II da IN MMA nº 5/2004), o que se deve à condição vulnerável dos manguezais, que têm sido suprimidos por atividades humanas. Considerando um período de análise de três tempos



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						geracionais (22,5 a 26 anos, para machos e fêmeas, respectivamente), é possível observar uma queda de aproximadamente 57% na produção entre 1994 e 2007. Tal percentual de queda na produção reflete uma redução populacional da espécie, embora ela seja referente apenas ao estoque explorado como recurso pesqueiro, principalmente na região do Delta do Parnaíba. A maior parte da população de <i>U. cordatus</i> ocorre nas grandes extensões de manguezal do Amapá ao Maranhão, onde se concentram mais de 75% dos manguezais brasileiros. Um elevado percentual dessas áreas de manguezal está localizado em Unidades de Conservação (72% da área total), permitindo inferir que a redução de 57% na produção do caranguejo-uçá ocorreu no máximo em metade da população. Neste sentido, esta redução resulta em uma redução populacional de 28% para todo o Brasil, fazendo com que ela quase atinja o critério A2(bcd). Assim, ela foi categorizada como Quase Ameaçada (NT).
Varunidae						
<i>Neohelice granulata</i> (Dana, 1851)	Caranguejo	NT		2010	2012	As áreas de manguezais em que a espécie ocorre (entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul) estão sujeitas a forte pressão antrópica, sendo grande parte delas circunvizinhas a médias e grandes cidades com inferior estado de conservação, comparando-se a outras áreas das regiões Nordeste e Norte do Brasil. Desta forma, supõe-se que a extensão de ocorrência desta espécie é inferior a 5.000km ² , somando as áreas de manguezais e as de marismas. Entretanto, a população não se encontra severamente fragmentada, não há um pequeno número de localizações e nem flutuações extremas, de modo que a espécie não pode ser categorizada como Em perigo (EN). Desta forma, a espécie foi considerada como Quase Ameaçada (NT), sendo parcialmente atendido o critério B1b(iii).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

Maxillopoda						
Calanoida						
Diaptomidae						
<i>Argyrodiaptomus macrochaetus</i> Brehm, 1937	Copépode	DD		2010	2012	No Brasil, <i>Argyrodiaptomus macrochaetus</i> é conhecido apenas de poças temporárias próximas a Porto Alegre. Não são conhecidas informações sobre a biologia e ecologia da espécie, assim como não se tem dados suficientes sobre a área de ocorrência. Contudo, os ambientes úmidos adjacentes aos rios vêm sendo modificados no Rio Grande do Sul pela agricultura, constituindo uma grande ameaça às espécies que ocorrem nesses habitats. Por outro lado, a falta de registros de ocorrência pode ser resultante da desatenção aos habitats apropriados, mas também pelo fato das poças temporárias serem, frequentemente, destruídas pelas atividades agrícolas ou construção civil. Considerando estas incertezas, a espécie foi categorizada como Dados Insuficientes.
<i>Argyrodiaptomus neglectus</i> (Wright S., 1937)	Copépode	DD		2010	2012	Da espécie, conhece-se somente a descrição dos tipos, de 1938, nas proximidades de Belo Horizonte. Não existe informação sobre a procura desta espécie em ambientes propícios, já que as pesquisas realizadas em sua área de ocorrência têm foco em grandes corpos d'água, de modo que não é possível fazer qualquer avaliação sobre o seu status de conservação. Como é conhecida apenas da localidade tipo, uma área bastante antropizada, pode estar sob ameaça. Contudo, faz-se necessária a realização de pesquisas para confirmar a distribuição da espécie.
<i>Argyrodiaptomus nhumirim</i> Reid, 1997	Copépode	DD		2010	2012	Os poucos dados de ocorrência da espécie dificultam a avaliação de seu status de conservação. Não se sabe se existem ameaças que impactem a espécie, mas, por ocorrer em uma fazenda experimental da EMBRAPA, considera-se que não sejam relevantes, contudo, está informação precisa ser confirmada. Não há dados sobre a real extensão de ocorrência, sendo necessárias pesquisas para confirmar a distribuição da espécie, bem como se existem ameaças. Tendo em vistas estas incertezas, a espécie foi categorizada com Dados Insuficientes (DD).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

<i>Idiodiaptomus gracilipes</i> (Dowe, 1911)	Copépode	DD		2010	2012	Idiodiaptomus gracilipes é conhecida somente da localidade tipo (Itapira, SP), não sendo mais reportada desde sua descrição em 1911. Em coletas mais recentes, em ambientes semelhantes aos de ocorrência da espécie, esta não foi encontrada; não houve coleta, contudo, na região da localidade tipo.
<i>Notodiaptomus dubius</i> Dussart & Matsumura-Tundisi, 1986	Copépode	DD		2010	2012	Espécie conhecida apenas de uma lagoa (Lagoa Amarela, no Parque Estadual do Rio Doce, Minas Gerais). Existem dados que sugerem que espécies de peixes introduzidas nas lagoas da bacia do Rio Doce estejam causando impactos na população desta espécie. Como não há maiores informações que subsidiem o enquadramento nos critérios de ameaça, optou-se avaliá-la como Dados Insuficientes (DD), o que implica a necessidade de maiores estudos sobre sua biologia e condição da população.
<i>Notodiaptomus maracaibensis</i> Kiefer, 1954	Copépode	LC		2010	2012	Notodiaptomus maracaibensis está presente em diversas bacias hidrográficas no norte da América do Sul, incluído drenagens para o Pacífico e o Atlântico e o sistema Orinoco-Amazonas. No Brasil, é conhecido apenas no reservatório de Tucuruí, no Pará. Não se conhece a existência de ameaças que impactem a espécie, sendo classificada como Menos Preocupante (LC). No entanto, é necessária a realização de pesquisas para confirmar a distribuição da espécie.
Temoridae						
<i>Temora stylifera</i> (Dana, 1849)	Copépode	LC		2010	2012	<i>Temora stylifera</i> ocorre praticamente em toda a costa brasileira, sendo encontrada também em outros continentes. Ainda são poucos os dados sobre esta espécie no Brasil o que dificulta a avaliação do seu estado de conservação. Em alguns ecossistemas litorâneos, <i>Temora stylifera</i> vem sendo substituída pela espécie invasora <i>Temora turbinata</i> . No entanto, considerando que a espécie possui uma distribuição muito ampla no Brasil, ocorrendo também em outras regiões litorâneas de outros continentes, e que não há dados concretos que indiquem que esta ameaça ocorre em toda a sua área de distribuição, foi classificada como Menos Preocupante (LC).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

Cyclopoida						
Cyclopidae						
<i>Metacyclops campestris</i> Reid, 1987	Copépode	DD		2010	2012	A perda dos campos úmidos na localidade tipo (único registro de ocorrência da espécie conhecido) sugere que esta espécie esteja sob ameaça, necessitando de pesquisa sobre suas características biológicas e ecológicas para confirmar os impactos das atividades humanas sobre a população. Por tais razões, optou-se por considerá-la como Dados Insuficientes (DD).
<i>Muscocyclops bidentatus</i> Reid, 1987	Copépode	DD		2010	2012	Esta espécie é conhecida apenas na localidade tipo, sendo que a redução dos ambientes de campo úmido sugere que esteja sob ameaça, necessitando de pesquisa sobre suas características biológicas e ecológicas para confirmar os impactos das atividades humanas sobre a população. Por tais razões, optou-se por considerá-la como Dados Insuficientes (DD).
<i>Muscocyclops thersasiae</i> Reid, 1987	Copépode	DD		2010	2012	A espécie é conhecida apenas da localidade tipo, que tem sofrido efeitos negativos da ação antrópica, não havendo informações sobre sua biologia, distribuição e status da população.
<i>Ponticyclops boscoi</i> Reid, 1987	Copépode	DD		2010	2012	Conhecida apenas em campos úmidos da localidade tipo, sendo que estes vêm sendo perdidos por influência de atividades humanas. Há necessidade de pesquisa sobre suas características biológicas e ecológicas para confirmar as ameaças sobre a espécie. Por tais razões, optou-se por considerá-la como Dados Insuficientes (DD).
<i>Tropocyclops federensis</i> Reid, 1991	Copépode	DD		2010	2012	A espécie só foi registrada na Lagoa da Península Norte, em Brasília, uma área de intensa urbanização em seu entorno. Imagens de satélite mostram as margens florestadas, porém com assoreamento. O acesso à lagoa é limitado pelas residências, de modo que se supõe que seja pouco frequentada. No entanto, as atividades de desenvolvimento urbano atual e projetos em desenvolvimento indicam ameaças potenciais à conservação desta espécie. Contudo, é possível que a exemplo de <i>T. nananae</i> , <i>T. federensis</i> também ocorra no Parque Nacional



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

						de Brasília, unidade de conservação adjacente ao local onde a espécie é registrada. Contudo, enquanto não forem realizados estudos que registrem a espécie em outras localidades, a espécie foi categorizada como Dados Insuficientes (DD).
<i>Tropocyclops nananae</i> Reid, 1991	Copépode	LC		2010	2012	A espécie <i>Tropocyclops nananae</i> ocorre em apenas duas localidades no Distrito Federal. Na Lagoa da Península Norte, em Brasília, uma área de intensa urbanização em seu entorno. Imagens de satélite mostram as margens florestadas, porém com assoreamento. O acesso à lagoa é limitado pelas residências, de modo que se supõe que seja pouco frequentada. No entanto, as atividades de desenvolvimento urbano atual e projetos em desenvolvimento indicam ameaças potenciais à conservação desta espécie. Contudo, o outro local de ocorrência é uma unidade de conservação, o Parque Nacional de Brasília. Deste modo, não há ameaças à conservação desta espécie, portanto, ela foi categorizada como Menos Preocupante (LC).
Harpacticoida						
Canthocamptidae						
<i>Attheyella yemanjae</i> Reid, 1993	Copépode	DD		2010	2012	A espécie é conhecida apenas da localidade tipo, que tem sofrido efeitos negativos da ação antrópica, não havendo informações sobre sua biologia, distribuição e status da população.
<i>Canthocamptus campaneri</i> Reid, 1994	Copépode	DD		2010	2012	A perda dos campos úmidos na localidade tipo (único registro de ocorrência da espécie conhecido) sugere que esta espécie esteja sob ameaça, necessitando de pesquisa sobre suas características biológicas e ecológicas para confirmar os impactos das atividades humanas sobre a população. Por tais razões, optou-se por considerá-la como Dados Insuficientes (DD).
<i>Pindamoraria boraceiae</i> Reid & Rocha, 2003	Copépode	LC		2010	2012	Espécie conhecida apenas da localidade tipo, a Estação Ecológica de Boracéia, não havendo dados sobre sua extensão de ocorrência. A falta de registros de ocorrência pode ser resultante da desatenção aos habitats apropriados. Não se conhecem ameaças à espécie, sendo classificada como Menos Preocupante (LC).



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE MARINHA DO SUDESTE E SUL

Parastenocarididae						
<i>Murunducaris juneae</i> Reid, 1994	Copépode	DD		2010	2012	<i>Murunducaris juneae</i> é conhecida apenas da localidade tipo (uma área de campo úmido em Brasília, DF) tendo sido descrita em 1994. Não foi encontrada em nenhuma outra parte, embora habitats semelhantes tenham sido investigados em outras partes do Brasil central. Devido à perda dos campos úmidos na localidade tipo, acredita-se que esteja sob ameaça, necessitando de pesquisa que confirme os impactos e levantem suas características biológicas e ecológicas. Por tais razões, optou-se por considerá-la como Dados Insuficientes (DD).